issn: 1645-006X

POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa
Ano VIII • N.º 19 • Outubro de 2008

ISEL projecta carro do futuro

8 A Escola Superior de Música de Lisboa já está a funcionar nas suas novas instalações no campus de Benfica do Instituto Politécnico de Lisboa. O Planeta Música vai estar aberto à comunidade envolvente. A *Politecnia* foi ver e dá a conhecer, nesta edição, o que descobriu. O espectáculo começa mesmo antes do espectáculo naquela que será a nova sala de concertos de Lisboa.

14 Professores e alunos do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa unem-se no projecto de construção do Nónio, o carro ecológico que deixa antever um futuro menos poluído.

22 «Com o Processo de Bolonha foi o ensino universitário que se aproximou do ensino politécnico e não o inverso». A afirmação é do professor António de Almeida Costa, curador da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, que em entrevista à *Politecnia* fala dos problemas e desafios que se colocam ao ensino superior em Portugal.

46 Isabel Alçada, professora da Escola Superior de Educação de Lisboa, e escritora de sucesso, é a protagonista desta edição. Nomeada pelo governo comissária do Plano Nacional da Leitura, propõe-se a fazer crescer entre os portugueses a paixão pelos livros.

Sumário

5 Parar Para Pensar
L. M. Vicente Ferreira

6 Ronda das Escolas

8 O Acontecimento
Nova Escola de Música já funciona
Paulo Silveiro

14 Em Foco
ISEL projecta carro ecológico
Clara Santos Silva

22 A Grande Entrevista
Almeida Costa, curador da avaliação
Clara Santos Silva

28 Reportagem
Estudantes de cinema em Ribadeo
Carlos Natálio

30 Histórias de Sucesso
A «Curva» faz sensação no Youtube
Paulo Silveiro

35 Destaque
Presidência do IPL completa
Nelson Évora regressa à ESCS

36 Profissão
Amélia Bentes, bailarina
Clara Santos Silva

40 Empreendorismo
IPL aposta na inovação
Margarida Jorge

46 A Protagonista
Isabel Alçada, comissária da leitura
Vanessa de Sousa Glória

56 Mala Diplomática
A internacionalização da ESELx
Carla Ruivo

62 Estante

66 Tribuna Livre
David Antunes

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;

2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;

3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;

4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;

5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;

6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;

7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;

8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;

9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;

10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

POLITECNIA

Ano VII Número 19 Outubro 2008

Director
L. M. Vicente Ferreira

Editor
Orlando Raimundo

Redactores
Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro, e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia
Carlos Matos/COP (Comité Olímpico Português), Catarina Barata, Cem, Bruna Viegas, Editorial Caminho, Hugo Costa, José Alexandre, Pedro Pina e Sofia Gomes

Correspondentes
Ana Raposo e Claúdia Guerreiro (Tecnologia da Saúde), João Costa (Dança), Lucy Wainewright (Educação), Luísa Marques e Margarida Saraiva (Teatro e Cinema), Maria João Berkeley Cotter (Contabilidade e Administração), Maria João Gonçalves (Tecnologia da Saúde) e Pedro Azevedo (Teatro e Cinema)

Colaboradores Permanentes
António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais--Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores
Carla Ruivo e Carlos Natálio

Colunista
David Antunes

Grafismo e Paginação
Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade
Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade
Estrada de Benfica n.º 529
1549-020 Lisboa

Impressão
Tipografia Peres, Rua das Fontaínhas, Lote 2 Venda Nova
2700-321 Amadora
Depósito Legal- 158054/2000
ISSN- 1645-006x
Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:
Vanessa de Sousa Glória (foto e arranjo gráfico)

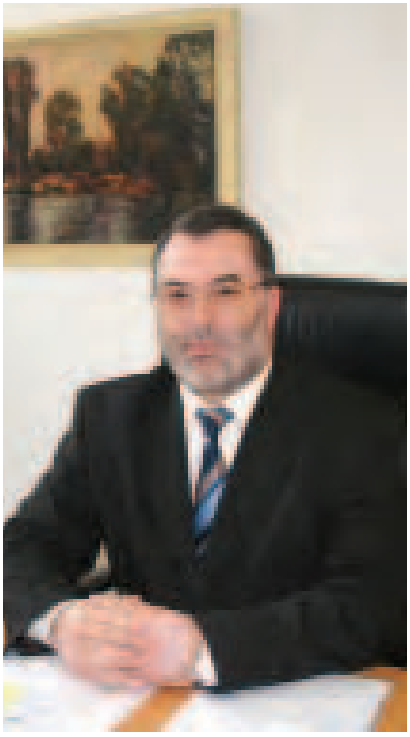
IPL conquista 3.º lugar no ranking nacional

NA CAPTAÇÃO de alunos do concurso nacional de acesso ao ensino superior deste ano o Instituto Politécnico de Lisboa classificou-se no terceiro lugar do ranking, a Universidade Técnica de Lisboa no segundo lugar e a Universidade do Porto no primeiro lugar. Esta subida para o Instituto Politécnico de Lisboa é muito significativa sobretudo se tivermos em atenção que em 2007 ocupámos a 10.ª posição do ranking nacional.

Este lugar que, apesar de tudo, é penalizado pela nossa oferta de formação em pós-laboral, ao contrário dos nossos parceiros de pódio, é uma classificação que não nos surpreende, face à estratégia de desenvolvimento adoptada pelas escolas do Instituto Politécnico de Lisboa, que têm apostado num ensino de grande qualidade e numa formação de alto nível, vocacionados para a empregabilidade e para as profissões.

De facto, o processo de reconversão à designada Declaração de Bolonha, que contou com um enorme empenho das escolas e dos seus profissionais desde o primeiro momento, centrou-se na oferta de cursos de banda larga muito orientados para as formações convencionais nas áreas das Artes Performativas, Comunicação Social, Contabilidade e Gestão, Educação, Engenharia e Tecnologias da Saúde com uma oferta que totaliza 42 licenciaturas e 26 mestrados.

Isto justificará a demanda crescente do número de candidatos que nos últimos três anos têm procurado o Instituto Politécnico de Lisboa: 9.566 em 2006, 11.896 em 2007 e 13.854 em 2008, um crescimento regular que, em termos de número de entrada de alunos, representou este ano um aumento de mais 13%, um pouco mais do dobro dos 6% de crescimento médio do ensino politécnico, podendo já justificar um potencial aumento de vagas para responder ao elevado número de solicitações, uma vez que as 2.268 vagas deste ano apenas satisfizeram cerca de 16,5 % da procura.



L. M. Vicente Ferreira

O aumento do número de alunos não tem tido a respectiva correspondência em termos de financiamento do Orçamento de Estado O que temos tido nos últimos três anos é uma suborçamentação sistematizada

Contudo, o aumento do número de alunos não tem tido a respectiva correspondência em termos de financiamento do Orçamento de Estado. Efectivamente, o que temos tido nos últimos três anos é uma suborçamentação sistematizada, sendo hoje o valor orçamentado de O. E. para o Instituto Politécnico de Lisboa para o exercício de 2009 inferior ao valor de 2006 em cerca de -3%.

Se considerarmos o aumento desde então dos custos suportados pelas instituições com a Caixa Geral de Aposentações (11%), IVA e aumento da massa salarial, para citar apenas alguns, verificar-se-á que o exercício que fazemos é o de uma gestão muito apertada cobrindo com dificuldade as despesas de funcionamento, não havendo, por isso, recursos financeiros disponíveis para despesas de capital ou outras que apostem claramente num ensino superior de qualidade.

Este estrangulamento de financiamento de Orçamento de Estado poderá levar a curto prazo e, de forma forçada, à mudança de paradigma do ensino politécnico de base essencialmente laboratorial e experimental, com elevados custos, para uma base de acentuada orientação teórica que possibilite a redução de custos. Esta opção política governamental é, a nosso ver, errada e irá num futuro próximo ter consequências muito penalizadoras para o ensino superior português.

Estudantes da Comunicação Social brilham no Google Marketing Challenge

UMA EQUIPA da Escola Superior de Comunicação Social, constituída por quatro alunos finalistas do curso de Publicidade e Marketing, alcançou as semi-finais da 1ª edição do Google Online Marketing Challenge. Este concurso, destinado a estudantes universitários de todo o mundo, contou com a participação de 1.650 equipas oriundas de 47 países. Os estudantes da ESCS integraram o grupo dos 150 melhores e foram a equipa portuguesa mais bem classificada, o que espelha o bom trabalho que realizaram.

Ana Teresa Silvestre, Joana Mourato, Ramiro Gonçalves e Mário Silva foram os alunos da Escola Superior de Comunicação Social que fizeram o brilharete ao atingirem as semi-finais do concurso organizado pelo conhecido motor de busca. A ideia partiu da professora responsável pela cadeira de Marketing Digital, Ana Teresa Machado, que ao ter conhecimento do concurso, através de uma ex-aluna da escola que trabalha no Google, decidiu integrá-lo na disciplina. O objectivo era permitir aos alunos trabalharem em situações reais, utilizando ferramentas inovadoras como o AdWords. Toda a turma participou no projecto, mas foram os alunos referenciados que obtiveram os melhores resultados. O desafio consistia em desenvolver uma campanha de marketing online, para uma empresa portuguesa com site, gerindo um orçamento de 200 dólares. A Unique Style, agência de modelos e de talentos, foi a empresa escolhida pela equipa que, durante três semanas, trabalhou arduamente na delineação de uma estratégia que aumentasse a notoriedade do site da empresa. As principais dificuldades sentidas pelos alunos foram a aprendizagem do programa AdWords e a escolha de palavras-chave mais apropriadas ao negócio da agência de modelos. O trabalho em equipa e os conhecimentos adquiridos na escola, permitiram ultrapassar os problemas e concluir o desafio.

Foto de Pedro Pina

Os estudantes Ana Teresa, Mário Silva e Joana Mourato, semi-finalistas do concurso

A eficácia da campanha foi considerada «excelente» pelo júri do concurso. O orçamento acabou por sobrar, e o número de inscrições no site da empresa aumentou. A participação no concurso demonstrou que os alunos da ESCS podem ser competitivos no mercado de trabalho. E a melhor prova disso é o facto de um deles já estar a trabalhar em marketing digital numa empresa privada.

Competição a nível mundial

O GOOGLE Online Marketing Challenge foi uma competição a nível mundial de marketing online, desenvolvida por professores de diferentes países em colaboração com o Google. A competição decorreu entre Fevereiro e Junho de 2008 e foi aberta às instituições de ensino superior de todos os países do mundo.

Os alunos trabalharam com empresas locais, na concepção campanhas eficazes de marketing. Delinearam estratégias, executaram campanhas e avaliaram resultados, aconselhando as empresas no desenvolvimento das campanhas.

Esta competição foi uma grande oportunidade para os estudantes adquirirem experiência de marketing do mundo real online, para além do desafio de competirem com outros estudantes de todo o mundo. Para o ano está prevista a 2ª edição do concurso, sendo certo que a Escola Superior de Comunicação Social voltará a marcar presença.

ISEL na rede global de engenharia

O INSTITUTO Superior de Engenharia de Lisboa há muito que tinha a ambição de voos mais altos, nomeadamente a de procurar no campo internacional mais conhecimento e meios para desenvolver o que de melhor sabe fazer: ensinar engenharia. Em 2006, algumas das metas a que se propôs foram atingidas, passando a pertencer a duas grandes sociedades de conhecimento – uma no contexto europeu, outra no contexto global. Os efeitos já se fazem sentir.

Actualmente, ao falar-se de instituições de ensino de referência no ensino da engenharia, fala-se obrigatoriamente do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Após um percurso difícil, mas muito estudado, foi possível à escola, em finais de 2006, integrar sociedades internacionais de engenharia que a colocam numa posição de relevo no ranking nacional e internacional.

A Associação Ibero-Americana de Instituições de Ensino de Engenharia (ASIBEI) serviu de rampa de lançamento para voos mais altos do ISEL. Através desta associação, da qual o Instituto já fazia parte, surgiu o processo de formação de uma rede de engenharia mais ampla. Foi em Outubro de 2006 no Rio de Janeiro. Num encontro dos membros desta Associação, surgiu a assembleia fundadora da IFEES (International Federation of Engineering Education Societies). Os objectivos que estão na base do surgimento de uma nova organização, passam pela necessidade de dar lugar a uma globalização de conhecimentos e aplicação do ensino da engenharia num contexto global. Foi desde logo definido que a ASIBEI seria a representante da América do Sul. No caso da Europa, a opção foi Portugal, em detrimento da Espanha. Decorreu a eleição do vice-presidente da IFEES, um colombiano, e a aprovação dos estatutos da organização a par do estabelecimento do seu plano estratégico.

Foto de Bruna Viegas

José Carlos Quadrado

A entrada no IFEES «faz do ISEL um player mundial no campo da engenharia», nas palavras do presidente do Conselho Directivo do ISEL.

Numa altura em que, em termos nacionais, as coisas não são fáceis para as instituições de ensino, a aposta seria aumentar a representatividade nacional, facto que acabou por conseguir com recurso a um acordo considerado «histórico» com os restantes Institutos Superiores de Engenharia portugueses, o do Porto e o Coimbra. Neste acordo, ficou estabelecido que no IFEES, o ISEL seria o representante do núcleo recém-formado. A estratégia passou necessariamente por assumir uma dimensão superior às suas estruturas internas, conseguindo um leque maior de vantagens para todos.

José Carlos Quadrado explica ainda que a ligação em rede permite uma capacidade de sobrevivência muito superior, alargando o campo de actuação, nomeadamente a possibilidade de o ISEL concorrer a concursos internacionais, que anteriormente seriam inalcançáveis.

Quando questionado sobre a capacitação do ISEL para essas actuações, o presidente do Conselho Directivo diz que «já havia condições inatas, faltando apenas um pouco mais de organização processual». O resultado não podia ser melhor: o ISEL detém já a vice-presidência da ASIBEI e está indigitado para presidir ao próximo mandato.

O reconhecimento internacional

O INSTITUTO é hoje conhecido em várias redes e respeitado como instituição de qualidade. As vantagens já se fizeram sentir, principalmente no campo dos projectos internacionais. Alguns já foram aceites e estão em curso. E existe a possibilidade de canalizar mais recursos, quer financeiros, quer de pessoas.

Neste momento o ISEL já recebe alunos de vários países, com destaque para a Lituânia, e até 2009, ultrapassada que esteja a polémica gerada em torno da assinatura de um protocolo com uma Universidade do Irão, passará a receber também alunos deste país. Aqui se percebe que o intercâmbio de alunos, docentes e pessoas, permitirá uma aprendizagem mais ampla da engenharia praticada noutros países, permitindo uma elevada partilha de experiências. A conjugação de todos estes factores cria condições conjuntas para se aprender mais, partilhar ideias e esforços que conduzam ao desenvolvimento mundial da engenharia.

Uma outra associação, assumidamente europeia, surge entretanto nos caminhos do ISEL, a European Society for Engineering Education, que passa a ser membros da IFEES. Neste caso, o objectivo é promover o desenvolvimento e a melhoria do ensino da engenharia no espaço europeu.

O modelo a seguir é cada vez mais o de abrir portas de crescimento e de estabelecimento em rede de instituições e de sociedades do conhecimento. Criar condições para um ensino de engenharia de alta qualidade, com diplomados bem preparados, permitirá o reforço da capacidade de resposta das organizações.

Novas instalações da Escola Planeta da Música

O sonho de sucessivas direcções da Escola Superior de Música de Lisboa – a construção de um edifício específico para o ensino das artes musicais – concretizou-se. A nova Casa da Música reúne um conjunto de características que a tornam única em Portugal. Projectada de raiz para a função que vai desempenhar, na sua construção foram empregues as mais modernas técnicas e os materiais mais evoluídos. Nasceu, assim, uma nova e emblemática referência no ensino artístico em Portugal.

Textos de Paulo Silveiro
Fotos de Vanessa de Sousa

PROFESSORES, alunos e funcionários da Escola Superior de Música de Lisboa têm agora todas as condições para ensinar, aprender e trabalhar a níveis internacionais de excelência. O efeito do novo edifício já se fez sentir no número de candidatos, que concorreram aos cursos ministrados pela ESML. Para o ano lectivo de 2008/2009 apresentaram-se 307 candidatos para as 112 vagas disponíveis.

A expectativa é grande, principalmente para os alunos que transitaram das anteriores instalações, como nos diz Nélio Silva, do curso de instrumento na variante de clarinete. A primeira impressão que os estudantes experimentaram, ao entrar no novo edifício, é a grandiosidade. Sentem-se pequeninos naquela imensidão de salas e corredores. A motivação pa-

Superior de Música de Lisboa brilha em Benfica

ra a aprendizagem, para tocar cada vez mais e melhor, aumentou na proporção das dimensões do edifício. Os novos espaços vão permitir que os alunos passem mais tempo na escola, já que agora têm onde trocar ideias, das salas de aulas ao bar. O facto de a escola estar inserida no Campus de Benfica, e de as aulas estarem todas concentradas no novo edifício, ao contrário do que antes acontecia, irá permitir o nascimento de um verdadeiro espírito académico.

O edifício foi projectado pelo arquitecto Carrilho da Graça, figura historicamente ligada a outras edificações do Instituto Politécnico de Lisboa, tendo já sido o autor dos projectos da Escola Superior de Comunicação Social e dos Serviços Centrais do IPL. O edifício ocupa uma área de 7.300 metros quadrados distribuídos por quatro zonas.

A área reservada à Direcção/Administração ocupa 255 m2, englobando 16 gabinetes e secretarias. A área destinada a infra-estruturas e instalações gerais, tem 679 m2, distribuídos por uma oficina, garagem, espaços de convívio, armazéns e arrecadações. A área do Apoio Pedagógico ocupa 1451 m2, englobando o Grande Auditório, Biblioteca, Fonoteca/Videoteca, Reprografia, salas de conferências, gabinetes e camarins. Finalmente, a área destinada ao ensino, propriamente dito, estende-se por 2473 m2 distribuídos por um Pequeno Auditório, com 60 lugares sentados; um Estúdio de Interpretação Cénica e outro de Electroacústica, duas régies e 73 unidades diversas, que englobam salas e estúdios de leccionação e de estudo.

O edifício tem uma forma peculiar, desenvolvendo-se em espiral a partir do piso menos 2, e até ao piso 2, em redor de um pátio ajardinado, semelhante a um claustro. Ao contrário das anteriores instalações, na Rua do Ataíde, as dimensões são generosas. Como graceja o Secretário da escola, Manuel Esturrenho, agora «já se pode guardar o contrabaixo no cacifo».

No piso zero há uma separação nítida de duas áreas através do pátio de entrada.

Espaço do grande auditório do novo edifício da ESML onde proximamente será instalada a plateia com capacidade para 450 lugares

Na área Sul encontram-se a Biblioteca, as salas para os docentes e a zona administrativa. Por cima desta última encontra-se a mezanine, destinada aos órgãos de gestão da escola. Na área Norte, o elemento dominante é a entrada do auditório, cujo anfiteatro se estende até ao palco no piso menos 2, onde se situam os espaços de apoio, como os camarins e os armazéns de instrumentos. Este Grande Auditório impressiona pela sua amplitude. Possui 450 lugares sentados e um palco com 160 m2. Pode vir, por isso, a afirmar-se como a futura sala de espectáculos do IPL e mesmo da zona de Benfica.

Ainda no piso zero, encontramos as salas de ensaio para orquestras e coro e as régies, as salas de música de câmara, uma sala de interpretação cénica, o Pequeno Auditório, a sala de alunos a reprografia e um espaço que poderá vir a acolher um futuro Museu da Música.

O piso 1 é totalmente ocupado pelas salas dedicadas às aulas de instrumento. Estas salas têm um carácter inovador tendo sido estudadas, em termos acústicos, de acordo com o tipo de instrumento. Os tectos das salas são assimétricos, sendo a que possui o pé direito mais alto, nove metros, destinada ao órgão. As paredes são constituídas por material compósito em gesso cartonado e lã mineral. E o piso é constituído por pavimento flutuante.

Por seu lado, o piso 2, que apenas existe no lado Sul, é dedicado às salas de composição e formação musical.

Uma das grandes mais-valias da escola são os cacifos, onde os alunos têm a possibilidade de guardar os seus instrumentos musicais. Este aspecto é muito importante, se pensarmos no volume de um contrabaixo. Já não existe a necessidade de andarem carregados com os ins-

trumentos nas suas deslocações diárias. Mas apesar das novas funcionalidades que o novo edifício da escola possui, o que mais impressionou os estudantes foi o Grande Auditório. É um choque muito grande para quem passa de uma sala exígua, das antigas instalações na Rua do Ataíde, no Bairro Alto, para um palco de 160 m2. O sentimento que aquele espaço gera neles é um misto de expectativa e receio. Aquele palco vai permitir-lhes ganhar experiência nas actuações em grandes salas de espectáculos com um público numeroso.

To be or not to be…

NÉLIO SILVA é um jovem madeirense, de 26 anos, apaixonado pelo ensino da música. Sentiu essa vocação ainda na adolescência e acabou por tirar o curso de formação musical na Escola Superior de Música de Lisboa. Nélio prefere as aulas colectivas às individuais, tendo já acumulado uma experiência significativa nesta área do ensino. Para além dos alunos do ensino vocacional, tem discípulos de todas as idades e estratos sociais. Essa heterogeneidade exige-lhe a aplicação de metodologias diferenciadas para cada tipo de estudante, obrigando-o a uma constante actualização.

Outro tipo de acções que dá prazer a Nélio Silva são as aulas de enriquecimento curricular, proporcionadas aos alunos do 4º ano de escolaridade, alguns oriundos de famílias com graves carências sociais. «É reconfortante poder ajudar as crianças de estratos sociais baixos, incutindo-lhes o gosto pela música», diz.

Nélio Silva é igualmente monitor na Fundação Calouste Gulbenkian, onde dirige sessões para um público igualmente jovem mas, de outras classes sociais, com o objectivo de fomentar o gosto pela aprendizagem da música.

Esse conjunto de actividades roubalhe, porém, muito do tempo de que necessitava para o seu curso de clarinete, obrigando-o a fazer opções, nem sempre, nada fáceis. É o eterno problema do trabalhador-estudante, que no caso do ensino artístico se agudiza ainda mais. Dar mais aulas ou ensaiar mais horas, eis a questão, ao jeito shakespeareano…

Nélio Silva, apesar de entusiasmado com o novo edifício da Escola Superior de Música de Lisboa, não esconde que sente uma nostalgia pelos quatro anos que passou nas velhas instalações da Rua do Ataíde, ali junto ao Bairro Alto. Foi aí, nesse velho edíficio que, professores como Francisco Cardoso e Margarida Fonseca Santos, entre outros, o ajudaram na sua formação profissional e pessoal. O músico sente-se um privilegiado por ter tido essas experiências, e vê a nova escola como um prémio merecido para todos os que, durante anos, se sacrificaram para ensinar e estudar música sem as condições necessárias. A nova escola é a prova viva que existem pessoas muito competentes e empenhadas no desenvolvimento do ensino da música em Portugal.

Uma nova instituição

aberta à comunidade

O PROFESSOR José João Gomes dos Santos teve o privilégio de ser o director da Escola Superior de Música de Lisboa que concluiu o projecto pelo qual os seus antecessores lutaram durante 25 anos: a mudança para o novo edifício. Consciente da responsabilidade que esta nova fase da vida académica acarreta, o dirigente está igualmente motivado para encontrar as melhores soluções para que a escola seja rentabilizada na sua plenitude.

José João Gomes dos Santos tem já algumas ideias, geradoras de receita, como por exemplo o aluguer de espaços, incluindo os dois auditórios e parte do parque de estacionamento subterrâneo, o que assegurará à escola uma importante fonte de rendimento. Outros campos a explorar poderão passar pela angariação de patrocínios e mecenatos e o estabelecimento de acordos com a Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica para uma melhor integração do «planeta» no espaço em que está inserido.

A ideia é abrir a escola ao exterior, divulgando-a junto da comunidade envolvente, sendo que para isso está em equação a constituição de um gabinete de imagem que realize todo um trabalho de prospecção e divulgação de tudo o que a escola pode oferecer a diversos públicos.

Uma das áreas a explorar é a abertura de novos cursos, sendo que o exemplo da variante de jazz, que já é um êxito, pode conduzir a apostas semelhantes. Encontra-se já para aprovação na tutela, uma licenciatura em Comunicação Musical, com uma variante mais ligada à formação de Técnicos de Cena e Produção de Espectáculos, e outra destinada aos Técnicos de Som, aproveitando o novíssimo estúdio de electroacústica. Encontra-se igualmente para aprovação no Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior um Mestrado em Música com características inovadoras, que inclui uma parte prática e uma parte ligada à didáctica e à pedagogia, o que o torna diferente dos mestrados existentes nas outras instituições de ensino.

O professor José João Gomes dos Santos, director da ESML, está cheio de ideias

Noutra vertente da formação, a aposta poderá ser feita nos Cursos de Verão e, aproveitando o belo anfiteatro que desagua no pátio relvado, proporcionar uns fins de tarde musicais, que promovam o gosto pela música.

O director da ESML sente que finalmente existe, por parte dos docentes e alunos, uma maior vontade de estar na escola, de a viver na sua plenitude. E assim se prova que a melhorar da qualidade da vida académica constituí um importante estímulo para o ensino e aprendizagem.

Estudantes de música são elitistas?

EXISTE a ideia que o estudante de música é uma pessoa individualista, que se isola e se afasta da sociedade. É a consequência das horas de estudo intensivo que são necessárias quando se define o objectivo de tocar na perfeição um instrumento musical. O isolamento é um mal necessário, que o instrumentista inconscientemente adopta para conseguir atingir os objectivos.

Persiste, por outro lado, a convicção de que o estudante de música é elitista, dado serem poucos os que o querem ser e pelas poucas vagas existentes nos cursos. Os músicos perseguem um objectivo a longo prazo e investem muito tempo para o atingir, abdicando por vezes de amizades e relacionamentos amorosos. Investem tudo na tentativa de atingir uma perfeição, só ao alcance de alguns.

Instituto Superior de Engenharia

Vem aí o car

Um projecto de bacharelato de dois alunos do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa está na origem da construção de um veículo futurista, cuja maior vantagem será o reduzido consumo de combustível. O veículo trouxe um ânimo crescente aos alunos do curso de Mecânica, que a cada etapa se foram juntando à equipa que é agora de dezassete elementos. As outrora apagadas oficinas de mecânica voltaram a ganhar vida e lá, todos usam os conhecimentos teóricos do curso para na prática ver resultados, sempre sob a orientação de dois professores.

Textos de Clara Santos Silva
Fotos de Vanessa de Sousa Glória

de Lisboa projecta Nónio

ro ecológico

Em 2005, Pedro Nunes Navarro, finalista do bacharelato de Engenharia Mecânica, movido pela paixão pelos automóveis, ao ouvir falar do Eco-Marathon e ver na televisão provas de carros solares, pensou em fazer alguma coisa no ISEL a esse respeito. O colega Rui Marques aderiu à ideia e assim nasceu um projecto, que começou com pesquisa à Internet e a grande convicção de que seria possível construir um carro inovador no ISEL, capaz até de enfrentar a competição da Shell Eco Marathon.

A Shell Eco Marathon é uma competição internacional automóvel, em que a demonstração da capacidade de optimização energética, estrutural e dinâmica de um veículo de monolugar é requisito prévio à participação. A sua vertente pedagógica encoraja a inovação e promove o desenvolvimento de novas tecnologias, associadas à garantia de uma maior eficiência energética.

O evento surgiu pela primeira vez em 1939, e desde então tem estimulado a iniciativa de jovens estudantes de engenharia em todo o mundo.

O Eco-marathon contempla veículos que se movam com recurso a todo o tipo de combustíveis, não só diesel ou gasolina, mas também fontes energéticas alternativas, como o GPL e a energia solar. O design dos carros pode passar pelos protótipos mais futuristas, tendo como limite a imaginação dos participantes.

Dentro do espírito da prova, a maior preocupação dos alunos, seria a de conceber um carro que permitisse percorrer o maior número de quilómetros com um consumo mínimo de combustível. Da ideia passaram à prática. Trabalharam na construção do protótipo virtual no programa Solidworks e daí passaram à análise do chassis com recurso aos programas Cosmoworks e Ansys. Avaliaram também o escoamento de ar em torno da carenagem com o programa Floworks. O resultado foi a imagem do protótipo virtual totalmente desenvolvido.

Pedro Navarro, neste momento já fora do projecto, recorda ainda a motivação da altura e a dificuldade em passar à prática, principalmente na questão dos custos. Rui Marques juntou-se-lhe e o processo não parou mais. Vieram depois Ana Oliveira e Bruno Amiano, e do veículo desenvolvido virtualmente passarem à fase de construção.

O mentor do projecto, Pedro Navarro, mantém-se ainda hoje no ISEL, como monitor do Departamento de Mecânica, dando apoio aos laboratórios e às aulas. Isso faz com que ele, apesar de afastado do Nónio, possa ir acompanhando a evolução da construção, junto da equipa que tão bem conhece.

Apresentado formalmente ao ISEL, o projecto de investigação foi aprovado. Isso garantiu que os consumíveis, a inscrição na competição, a viagem e transporte do bólide e da equipa, e a estadia no país de acolhimento, ficaram assegurados.

A equipa começou a tomar forma com o apoio dos professores Aníbal Chaves e Sousa e Afonso Leite, que rapidamente mobilizaram mais elementos para o colectivo. Mas eles próprios garantem que os grandes impulsionadores sempre foram os alunos.

Os oito elementos da equipa começaram então a investir todo o tempo livre que o curso lhes permitia na construção do carro. O professor Chaves e Sousa não deixa nunca de frisar, que a gestão de tempo é complicada, não esquecendo que a Ana e o Bruno já estão no mercado de trabalho, e os restantes têm sempre que preparar-se para as épocas de exames.

Para uma maior rentabilização da equipa, procederam a uma divisão do trabalho por áreas, relacionadas com o processo de desenvolvimento e construção do carro: carenagem, chassis, sistema de transmissão e embraiagem e jantes.

Afonso Leite, com os seus 33 anos, espelha uma vontade e o orgulho de um

Na oficina de mecânica instalada no ISEL, um grupo de alunos trabalha o molde da metade superior da carenagem, já construída pelos alunos

jovem professor, outrora aluno do ISEL que sempre valorizou a prática como melhor forma de aprender a teoria. A melhor estratégia para angariar alunos para a equipa foi escolhê-los, de entre aqueles que tivessem completado a disciplina de Fabricação. Frisam que todos os elementos da equipa têm mérito nos resultados académicos. A construção das sub-equipas teve depois a ver com o interesse que eles foram demonstrando pelas diversas áreas.

Na oficina de mecânica onde fomos encontrar toda a equipa, todos estavam ansiosos por falar da aventura e do entusiasmo de participar na competição da Eco Marathon. A equipa da carenagem tem como preocupação a utilização da fibra de carbono, que tem a vantagem de ser mais resistente e mais leve, pois assim conseguirá atingir mais velocidade com menos gastos no combustível. No caso do chassis, o material a aplicar é o alumínio, o que permite colocar em prática técnicas como a soldadura de alumínio. A transmissão do sistema de rotação às rodas fica a cargo da equipa do sistema de transmissão e embraiagem. A sua missão inicial foi alterar a embraiagem centrífuga do motor original e fazer uma de base, electromagnética.

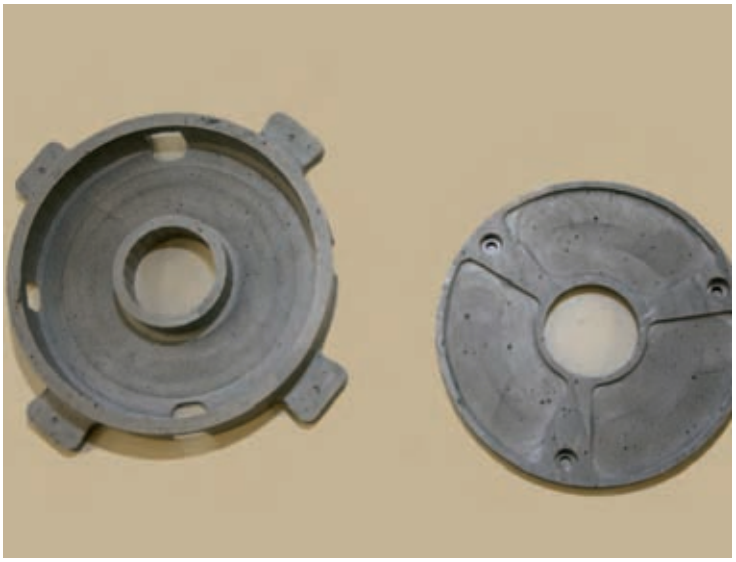
A base do veículo fará toda a diferença, e por isso, a equipa das jantes aproveitou um estudo feito pelos anteriores colegas para construir moldes para as jantes. A questão fundamental é sempre a mesma, têm que ser leves e resistentes, por isso serão ocas. O trabalho incide na maquinagem totalmente automática. As jantes serão de 16 polegadas, feitas a partir de um molde à escala de um por dois em resina maquinável. Numa segunda fase o trabalho incidirá sobre os materiais compósitos. Serão, então, colocadas várias camadas de fibra de carbono que após um processo de cura de dois a três dias, dará origem a uma jante que será fechada com outra fibra de carbono e enchida com espuma, ao contrário das jantes comuns em liga leve, mas maciças. As jantes do Nónio serão mais leves, mais resistentes e mais caras. Também em termos de suporte serão melhores, dada a sua largura.

Poucos saberão que a construção do carro se iniciou graças à contribuição financeira dos alunos envolvidos, entretanto já reembolsados. Os apoios financeiros e materiais eram inexistentes, até porque para angariação de patrocínios é importante ter algo físico para mostrar.

O motor do Nónio é um Honda-gx 35 de um corta-relvas

A compra do motor, um Honda-gx35 de um corta relvas, foi o começo. O seu baixo consumo, associado à força, ia de encontro aos objectivos. Tudo no Nónio foi projectado para diminuir os consumos. A embraiagem electromagnética é directamente ligada à roda. O chassis foi feito em aço para testar se estava tudo bem, mas na etapa final será em alumínio. O banco do piloto terá que ser feito num material muito leve. O sistema de direcção também foi estudado ao pormenor pelo grupo.

Peças do sistema de embraiagem



Moldes das jantes

Os apoios começaram entretanto a surgir por iniciativa dos alunos. Junto das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA), já havia sido feita uma primeira tentativa, negada. Um grupo de alunos decidiu entretanto deslocar-se novamente às instalações das OGMA, sem marcação de entrevista. Conseguiram falar com o director, junto de quem fizeram uma exposição do projecto. A reacção foi muito positiva, e o passo seguinte foi o de remeterem uma carta com todos os pormenores, para formalizar o pedido do patrocínio. O sinal verde para apoio não se fez esperar e passa pela oferta da fabricação, com a carenagem em carbono auto-clave, o que fará com que o carro seja muito leve e muito posicionado. Todo este processo será realizado na área de compósitos das OGMA. A única explicação que encontram para esta mudança tem a ver com a fase má que as oficinas já ultrapassaram e com o facto de terem consigo a trabalhar muitos profissionais formados no ISEL. A deslocação dos alunos às instalações parece ter feito a diferença pois, foi vista como uma demonstração de humildade e comprovou ser a melhor estratégia.

À conversa com os alunos das várias equipas, quase todos a frequentar o último ano da licenciatura de Bolonha, verificámos, que sempre presente está a valorização da aquisição de prática na área, o de ver algo a crescer com o seu próprio contributo. Muitos não hesitam em assumir que foi a primeira vez que sentiram a parte prática no curso. Outros há, que consideram este desafio o «abrir a porta para o mundo do trabalho, para além de constituir uma bandeira do departamento de mecânica que promove a imagem do ISEL no exterior.»

Todos têm esperança que o projecto lhes dê uma valorização curricular que permita uma rápida colocação no mercado de trabalho. A gestão de tempo tem sido o factor mais complicado de ultrapassar, pois todo o trabalho é feito nos tempos livres.

Na equipa fomos encontrar Agostinho Rocha, de 58 anos e oficial do exército na reserva, cuja vontade de concretizar um sonho antigo, não o deixa desanimar.

Um nome com História

A DECISÃO de baptizar o carro de Nónio foi (é) uma homenagem ao matemático e cientista português Pedro Nunes (1502-1578), que inventou o aparelho de medição como esse nome (retirado do seu apelido em latim), usado pelos navegadores portugueses nos Descobrimentos.

A alusão ao Nónio surge pela primeira vez em 1542, na obra De Crepusculis, na proposição três. Pedro Nunes construiu num astrolábio, graduado de 0 a 90 graus, mais 44 escalas concêntricas, mas sucessivamente divididas em 89, 88, 87, até chegar a 46 partes. Nestas condições, ao medir-se um determinado ângulo, que não corresponda a um número exacto de graus, é muito provável que o seu valor caia rigorosamente, ou muito próximo, de uma divisão das referidas escalas. Depois por uma simples regra de três, encontra-se o valor do ângulo, com um erro médio da ordem dos 2 minutos de arco.

O Processo de Medição Nónio, que se traduz numa escala de um instrumento de navegação, representou na época de Pedro Nunes uma resposta ao problema da medida rigorosa dos ângulos de altura dos astros. Mais tarde, passou a ser aplicado a outros instrumentos de medida, nomeadamente no campo da mecânica, dado permitir a medição à décima de milímetro.

O Nónio do matemático Pedro Nunes é também caracterizado como um par de escalas graduadas que deslizam uma sobre a outra, em que na segunda escala é possível ter uma fracção de medida da primeira. Este é pois um instrumento muito usado nos parquímetros e micrómetros com o objectivo de obter medidas precisas.

Sistema de travagem

Discos

Confirma que está a ser «muito pesado» coordenar o curso com o projecto. Garante tratar-se de uma boa experiência na área da coordenação de equipas, pois não é fácil trabalhar com um número grande de elementos, são todos diferentes.

Os apoios foram chegando à medida que o carro foi tomando contornos. Os alunos da equipa, usando conhecimentos, nomeadamente de familiares foram conquistando empresas que decidiram apostar no projecto.

Da margem sul do Tejo veio apoio da Câmara Municipal de Sesimbra, que desde há já algum tempo vê o desenvolvimento local directamente ligado às universidades e politécnicos, atribuindo bolsas a jovens residentes no concelho. Por iniciativa de Bruno Amiano, através de uma apresentação do projecto junto da vereadora da educação, Felícia Costa, garantiu a atribuição de uma Bolsa de Mérito, no valor de seiscentos e cinquenta e oito euros. O protótipo do Nónio chegou mesmo a ser apresentado numa Feira das

A equipa que está a trabalhar no projecto: *(da esquerda para a direita)*, Bruno Amiano, Ana Oliveira, Afonso Leite (professor), Chaves e Sousa (professor), Vítor Pinto, Pedro Sengo, Fausto Gonçalves, Sérgio Pereira, Armando Bispo, Luís Pinheiro, Nuno Sousa, Luís Ferrão, Paulo Reis, Ronnie Caxola, Pedro Navarro e Agostinho Rocha

profissões, realizada em Sesimbra, como forma de sensibilizar os jovens para as várias áreas vocacionais. Foi, na visão de Felícia Costa, a mostra de um projecto feito por «alguém da terra», avaliado e apreciado pelas pessoas do concelho. O Bruno, entrou no mercado de trabalho há cerca de um ano, e garante que o Centro para a Excelência e Inovação na Industria Automóvel, onde exerce funções, viu no projecto sinónimo de competência e experiência.

Segue-se agora uma nova etapa de muito trabalho, que irá incluir uma passagem pelas instalações da OGMA, com muita aprendizagem pelo meio. Os árbitros da competição terão ainda que proceder a uma avaliação do projecto para saber se o carro tem condições para competir, já que estamos a falar de cerca de trezentos candidatos. A equipa tem toda a confiança na entrada na prova, mas os primeiros lugares julgam ser difícil de conseguir. Têm ainda um longo percurso pela frente em relação a muitos dos participantes.

A crise dos combustíveis que agora se vive, bem como a procura por combustíveis alternativos não lhes tira o mérito. A experiência do professor Chaves e Sousa fá-lo acreditar que tão rapidamente não deixaremos de depender do petróleo. O Nónio é já um degrau, pois permite um consumo mínimo. Considera que os carros eléctricos na forja poderão vir a fazer parte do nosso parque automóvel, mas não vão cortar a dependência. Alerta para o facto do ser humano ser muito necessitado de energia, e que mesmo para um carro movido a electricidade é necessário ligá-lo à tomada. Esta não será uma questão simples de resolver.

O segredo está no piloto

Ana Rita Oliveira, mestranda do ISEL, é o piloto escolhido para a competição

O SEGREDO do sucesso de qualquer veículo está também no piloto que o conduz e o Nónio não foge à regra. O seu piloto foi escolhido a dedo: é a única mulher da equipa, Ana Oliveira, quem está encarregue de conduzir o carro na competição. Esta antiga aluna, um dos primeiros elementos da equipa, sente-se confiante na tarefa que tem pela frente. Vai rindo e dizendo que foi escolhida por ser a mais leve, o que não desmente a realidade, pois o tamanho é fundamental. Brinca ao colocar a hipótese de ser trocada, caso apareça uma rapariga ainda mais leve do que ela.

Com alguma pena diz que continua a haver poucas mulheres no curso de Engenharia Mecânica, daí que essa realidade também se aplique à constituição da equipa. Dá como exemplo uma sala com trinta alunos, na qual apenas dois a três são mulheres. No entanto sente que a percentagem tem vindo a aumentar, e que o próprio mercado de trabalho está a absorver mais este segmento de profissionais.

Ana Oliveira frequenta actualmente o Mestrado em Engenharia Mecânica, o que faz com que não esteja tão ligada ao projecto, embora continue a visitar os colegas e a participar nas reuniões para acompanhar o desenvolvimento do carro.

O seu papel como piloto passa muito por saber ler os sinais que o carro lhe dá. Tem que ter telemetria no carro, e sensibilidade para saber o que fazer em determinadas áreas do percurso, para isso o treino é fundamental. Considera-se uma boa condutora no dia-a-dia e por isso julga estar à altura do desafio.

Enquanto aluna ficou feliz com a viragem no curso, pois nunca antes tinham tido tanta prática. Foram obrigados a muita pesquisa e a aprender com os erros que cometiam a cada passo.

Ana já ingressou no mercado profissional, o que a levou a ter menos tempo livre, e diz que tudo se deveu ao Nónio. Na BarloworldStet – Caterpillar, onde trabalha em estágio, deram muita importância ao projecto, pois a área de acção tem a ver com motores. O trabalho ainda passa muito pela secretária mas sabe que se trata de um inicio, o importante é já ter conseguido esta ligação, «o futuro logo se vê».

O orgulho dos professores

OS PROFESSORES Chaves e Sousa e Afonso Leite são os orientadores e dinamizadores da equipa. Não hesitam em dizer que tudo é feito pelos alunos, mas na verdade o espírito catalisador está também neles.

Chaves e Sousa, mais experiente, vai falando do percurso do ISEL enquanto antigo Instituto Industrial. Diz ter havido tempos em que a maioria dos professores do ISEL vinha da indústria, contracenando com a prática real do trabalho exterior que agora é relativamente fraca. Afirma, sem rodeios, que quem está na parte académica acha que é só por aí que se avança, e a parte profissional também. Mas a importância de uma vivência real no exterior acaba por fazer toda a diferença. O ensino hoje, começa a interagir com as empresas, mas há alguns anos estava de costas voltadas, por isso considera estar a acontecer uma mudança muito qualitativa.

O seu discurso, preocupado com o estado do ensino, alerta ainda para o facto da formação que a escola dá ser apenas uma ferramenta. Encara a realidade de forma positiva, até porque sabe que os alunos de engenharia mecânica do ISEL têm sempre uma boa colocação e aceitação no mercado de trabalho. Não deixa de referir que ser aluno do ISEL é sempre uma referência muito boa. Os alunos que optam por se deslocar para o estrangeiro não têm quaisquer dificuldades de adaptação porque na sua opinião os portugueses são mais polivalentes que noutros países. Crê que muitos alunos fugiram das engenharias, mas que possivelmente vão começar a pensar em voltar-se para elas porque são das poucas profissões em que não existem problemas graves de emprego.

Projectos como o do Nónio servem sempre de motivação para os alunos porque estes, preferem a aplicação real e não apenas o conhecimento teórico. O docente assume o grande orgulho que sente ao receber o feed-back dos alunos, até porque a sua convicção é a de que estes preferem a aplicação real ao mero projecto. Enquanto professor vai dando o seu apoio, nunca perdendo de vista o contacto com a sociedade, nomeadamente com as empresas. Os próprios alunos já sentem essa necessidade porque sabem o quão importante é a capacidade de argumentação e de defesa das suas ideias. Diz que um dos grandes ensinamentos que lhes pode transmitir é de que hoje a engenharia precisa de interacção com pessoas, com outros profissionais. No caso do projecto Nónio, a liberdade de acção é dos alunos, apesar de estar integrado numa unidade curricular, o trabalho de todos é voluntário.

Os professores Chaves e Sousa e Afonso Leite sublinham, em declarações à *Politecnia*, a importância da ligação do ISEL à indústria

Afonso Leite, também orientador do projecto, já foi outrora aluno do ISEL. Fala da referência que a escola era no campo prático, mas diz que entretanto deixou de o ser – «o ensino mudou». Recorda que o Departamento de mecânica só tinha oficinas, algo que foi desaparecendo com o tempo. Aquando dos seus tempos de estudante a preferência sempre foi a parte industrial, apesar de ter enveredado pela docência continua a ter «o bichinho da indústria». Diz gostar muito de leccionar, mas vê com bons olhos a oportunidade de um dia erguer a própria empresa, até porque faltam muitas empresas de concepção em Portugal.

O projecto Nónio, considera ser um bom caminho para os alunos fazerem uma coisa válida no decurso do curso. Reconhece que a componente de gestão deveria estar contemplada no plano curricular, pois o contacto com empresas por parte dos alunos é muito importante.

O Departamento de Engenharia Mecânica tem evoluído positivamente e os orientadores são unânimes em afirmar, que este tipo de projectos, são um grande contributo. Este ano, a Expomecânica pôde finalmente apresentar algo mais. Dizem por experiência que os professores e alunos de outros cursos viram alguma coisa, e até mesmo os alunos do secundário que visitaram a exposição comentaram o facto.

A construção do veículo para o Shell Eco-Marathon, dizem ser um bom exercício, mesmo que não passe disso. A expectativa é claramente a de participar na prova, mas sabem que as equipas participantes são experientes e têm muitos apoios. Sem falsas modéstias, os professores consideram que o Nónio não é dos piores carros na prova, havendo muitos que não demonstram quaisquer preocupações com as questões de aerodinâmica.

Almeida Costa, Bolonha e a Avaliação

"Foi a universidade que se aproximou do ensino politécnico e não o inverso»

Primeiro presidente do IPL, António Almeida Costa foi recentemente nomeado pelo Governo curador da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. O antigo professor, que já foi Secretário de Estado em vários Governos, fala aqui pormenorizadamente do papel da Agência e dos problemas e desafios do Ensino Superior em Portugal.

Entrevista conduzida por Clara Santos Silva • Fotos de Paulo Silveiro

POLITECNIA – Que podemos esperar da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, a cujo Conselho de Curadores pertence?

ANTÓNIO ALMEIDA COSTA – A Agência envolve duas componentes integradas: a avaliação orientada para o estímulo a uma cultura de qualidade nas instituições de ensino superior, traduzida num desempenho mensurável e consequente informação à sociedade; e a acreditação dos estabelecimentos de ensino e dos seus ciclos de estudo, com o sentido de verificar se são, ou não, conferidos os requisitos mínimos de qualidade que tenham sido estabelecidos. Importa, no entanto, precisar dois aspectos fundamentais: no que respeita à avaliação, os parâmetros de apreciação, incidindo sobre os múltiplos aspectos que identificam e caracterizam a actividade das instituições de ensino superior, têm dimensão e níveis de exigência de âmbito europeu.

POL. – E que consequências daí advêm?

A. A. C. – A acreditação tem várias consequências, entre as quais se situa, no limite, a eventualidade de não reconhecimento oficial dos estabelecimentos de ensino superior e dos seus ciclos de estudo. Devo acrescentar, aliás que estas decisões passam a ser competência exclusiva da Agência, enquanto entidade independente, sendo certo que os mecanismos processuais incluem o direito ao procedimento contraditório por

parte dos estabelecimentos de ensino, no que respeita às conclusões da avaliação externa e o recurso para o chamado Conselho de Revisão, como órgão de instância da Agência, em matéria de avaliação e acreditação. Dito tudo isto, concluiria que a Agência de Avaliação e Acreditação irá tornar-se na entidade de garantia de qualidade do ensino superior, tomando como referencial dessa qualidade o que de melhor se faz a nível europeu. É uma missão de grande responsabilidade, só possível de concretizar com a compreensão e a confiança das instituições de ensino superior, dentro da certeza de que uma «entidade independente» a todos garante idênticas possibilidades de afirmação.

POL. – Revê-se inteiramente nos parâmetros de avaliação de qualidade estabelecidos ou ainda vai haver ajustamentos no regime jurídico adoptado?

A. A. C. – É ainda muito cedo para me pronunciar sobre essa questão, ainda que me reveja no documento base que vai orientar a actividade da Agência, concretamente os «standards and guidelines for Quality Assurance in the European Higher Education Área». Em particular, privilegia-se a criação, em cada estabelecimento de ensino, de um «sistema interno de garantia de qualidade», suportado em critérios de elevada exigência, actividade continuada e participação alargada, aqui incluindo com especial ênfase os estudantes. No entanto, como o conceito de «qualidade» é multidimensional, há muitos aspectos que só a prática, em cada País, virá a confirmar o interesse que lhes é dedicado e, bem assim, a bondade dos critérios que orientam a respectiva apreciação.

POL. – Quem vão ser os avaliadores e o que é que vai ser avaliado?

A. A. C. – Nos termos da Lei, a avaliação envolve uma primeira fase de auto-avaliação de responsabilidade institucional – para mim, a fase mais interessante e fecunda do processo quando incluir uma dimensão crítica séria e consistente – e uma avaliação externa, com peritos nacionais e estrangeiros. Importante será, a sageza na escolha destes peritos, naturalmente beneficiada por relações que se estabelecem entre Agências de diferentes Países, tendencialmente em critérios de proximidade regional.

POL. – O que é que a Agência espera do Instituto Politécnico de Lisboa?

A. A. C. – Do Instituto Politécnico de Lisboa, creio que a Agência pode esperar aquilo que o seu passado deixa antever: uma constante preocupação com a qualidade do seu desempenho e uma postura de relação com a sociedade cada vez mais estreita e, sobretudo, mais empenhada na solução dos seus problemas reais. Tenderia a acrescentar que a natureza associativa do modelo orgânico do Instituto Politécnico de Lisboa, em razão da sua gestação original, deve ser muito reflectido, pois o exercício profissional dos diplomados exige cada vez mais polivalência funcional, o que equivale a dizer que importa desenvolver competências de natureza transversal. Pessoalmente acredito que o Instituto Politécnico de Lisboa saberá encontrar na sua história, em que coexistem escolas recentes com outras bem mais antigas de estatuto progressivamente evolutivo, o estímulo bastante para saber agarrar o futuro, no quadro da vocação que lhe é própria.

Uma referência na Educação em Portugal

Já em 2000 o Ministro da Educação em funções, Guilherme d'Oliveira Martins, se referia a António Almeida Costa como «um símbolo da educação em Portugal, e alguém que »tem ainda tudo para dar de experiência».

Nascido em Penalva do Castelo, a 26 de Dezembro de 1931, licenciou-se em Ciências Matemáticas e Engenharia Geográfica pela Universidade de Coimbra, e concluiu o curso de Ciências Pedagógicas.

Ao longo da vida já foi professor metodólogo do ensino liceal, reitor do Liceu Normal D. Manuel II, director do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação, Inspector-geral de Educação, presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, presidente do

Conselho de Avaliação do ensino politécnico público, presidente do Conselho Coordenador do Ensino Particular e Cooperativo e finalmente e vice-presidente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores.

A nível de governo exerceu funções como Secretário de Estado na área da Educação, nos III, V e VIII governos institucionais. foi ainda representante de Portugal no Comité da Educação da OCDE.

É autor de compêndios escolares de matemática, a par da apresentação do programa de matemática moderna na Tv educativa e foi autor, em regime de co-autoria de obras sobre política educativa, entre 2000 e 2006, entre as quais se incluem «O ensino Politécnico em Portugal»; «Ensino Superior. Uma visão para a próxima década» e «Ambição para a excelência. A oportunidade de Bolonha».

É actualmente curador da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior.

POL. – Com este mecanismo de avaliação passará a estar assegurada a qualidade no Ensino Superior em Portugal?

A. A. C. – Sim. Se a Agência de Avaliação e Acreditação conseguir levar a bom termo a sua missão, como não poderá deixar de ser e, contar com a confiança e apoio das instituições e da sociedade civil, uma vez que vai mexer com muitos «preconceitos» e desfavorecer algumas leviandades qualitativas.

POL. – A avaliação das Instituições de ensino privado seguirá as mesmas regras?

A. A. C. – Um dos princípios fundamentais da Lei da Avaliação e Acreditação, a que a actividade da Agência tem de afeiçoar-se, é exactamente a ideia de que, em matéria de apreciação da qualidade, os níveis de exigência e os processos têm de ser inteiramente idênticos para o ensino público e o ensino privado.

POL. – Tendo já estado no papel de presidente de uma destas instituições, como analisa os cortes orçamentais impostos pela tutela?

A. A. C. – Não conheço, como é natural, a dimensão daquilo que designa como «cortes orçamentais impostos pela tutela» razão pela qual não posso pronunciar-me sobre essa questão. Isto não me impede, no entanto, de acentuar a necessidade de garantir dotações adequadas às instituições de ensino superior, pois esse é o melhor investimento que pode fazer-se em qualquer País. A minha experiência anterior, já distante, diz-me que, para além de um ou outro desperdício, a aplicação dos dinheiros públicos era inteiramente criteriosa e com sentido de bem servir. Aproveito, aliás, para recordar que a «fórmula de financiamento» original, de que fui um dos co-autores, não se destinava a reduzir as dotações atribuídas às instituições, mas sim a corrigir verdadeiras iniquidades institucionais que, se fossem inteiramente conhecidas, iriam gerar gritantes perplexidades.

POL. – Como encara os planos de integração de Universidades e Politécnicos sustentados pelos seus dirigentes?

A. A. C. – Começo por fazer duas observações originais: a primeira, é que não acredito que os «planos de integração» sejam sustentados só pelos dirigentes pois que, se assim fosse, nada teria sentido; a segunda, é que me incomoda o termo «integração», pois que sugere a dissolução de uma instituição na outra, o que retira o plano de igualdade em que devem posicionar-se na negociação. Dito isto, não tenho nada contra as hipóteses de associação institucional, seja em modelos de consórcio ou relação protocolar, visando a realização de projectos conjuntos ou um esforço consciente de regulação inter-institucional. Defendi, aliás, estas soluções com os meus companheiros Veiga Simão e Machado dos Santos em dois livros publicados. Ao dizer isto, não esqueço que o modelo binário do sistema de ensino superior em Portugal, embora fortemente atenuado pelo Processo de Bolonha, no que respeita à missão e funções dos ensinos universitário e politécnico, designadamente no 1º ciclo de estudos, continua, a meu ver, a exprimir virtualidades fecundas, na diversidade da «matriz conceptual e formativa» de cada uma das modalidades de ensino, desde que encaradas com a mesma dignidade. Aliás, não deixa de ser sintomático, que com o Processo de Bolonha, tenha sido o ensino universitário que se aproximou do ensino politécnico e não o inverso, o que acaba por confirmar a razoabilidade de criação deste último.

Privilegia-se a criação, em cada estabelecimento de ensino, de um «sistema interno de garantia de qualidade», suportado em critérios de elevada exigência

POL. – O Processo de Bolonha tem só vantagens para o ensino superior português ou envolve alguns riscos?

A. A. C. – A apreciação do Processo de Bolonha, em Portugal, tem sido muito marcada pelo problema dos graus, até porque tínhamos um problema que na grande maioria dos outros Países não se colocava, que era a existência de dois níveis de graduação. Isto, levou, naturalmente, a muitos exercícios de cosmética para resolver um problema de anos de duração do 1º ciclo de estudos. Mas, a meu ver, o Processo de Bolonha tem duas vertentes essenciais que lhe oferecem uma dimensão de valia inquestionável: centrar o processo de aprendizagem nos alunos e abrir a expectativa de valorização académica de adquiridos pessoais e profissionais. Pela primeira vertente, consagra-se um velho princípio pedagógico de converter o estudante no «sujeito» da sua aprendizagem, rompendo a imagem de «objecto passivo» de trabalho dos seus professores. E esta mudança, só por si, oferece, um carácter de fecundidade ao sistema de aprendizagem no ensino superior, abrindo as portas a um regime tutorial de maior ou menor densidade, ainda que, ao contrário do que pode pensar-se, torna mais difícil o papel dos professores, uma vez que orientar a procura de «conhecimento»custa bem mais que oferece-lo em aulas mais ou menos magistrais. A segunda vertente - validação académica de adquiridos pessoais ou profissionais – é o reconhecimento, que me, como tudo na vida, o saber também se democratizou, saindo das salas de aula para o exercício profissional ou a vida pessoal. Assim sendo, torna-se importante dar «validação» académica a estas outras formas de aquisição de saber, abrindo as portas do ensino superior a todos quantos desejarem

«O ensino politécnico em Portugal representou talvez, um dos projectos mais bem sucedidos depois do 25 de Abril»

e o conseguirem fazer. Não quero com isto defender menores níveis de exigência, bem pelo contrário, mas salientar, que a vida, como a natureza são verdadeiros laboratórios de criação de conhecimento e estímulo à curiosidade e apetência de saber: Dito isto, responderei à sua pergunta dizendo que, se nos conformarmos ao simples problema dos graus, o Processo de Bolonha não só envolve alguns riscos, pois que ele próprio é um risco em si mesmo; mas, se nos situarmos no verdadeiro espírito de Bolonha, assumindo decididamente as duas vertentes que referi, então sim, o Processo de Bolonha é uma oportunidade que vale a pena agarrar, pois corresponde a uma profunda alteração evolutiva de práticas ancestrais.

POL. – Como é que combate o problema do emprego dos jovens licenciados em Portugal?

A. A. C. – Não é fácil responder à questão que me coloca, pois ela envolve múltiplos aspectos que importa ponderar. Antes de mais, há que dizer, em boa verdade, a formação dos jovens licenciados não pode ter em vista apenas o território nacional, uma vez que, como cidadãos europeus de raiz portuguesa, todos têm o direito de mobilidade e estabelecimento em qualquer outro País da União. Mas,

O Processo de Bolonha é uma oportunidade que vale a pena agarrar

como é evidente, a formação deve dirigir-se preferencialmente, para o território nacional, o que coloca o problema do desajustamento entre o sistema de formação superior e a dinâmica da economia nacional. Não devemos iludir-nos a este respeito, pois é sabido que, em particular, o sector produtivo nacional tem vivido com mão-de-obra de baixas qualificações e dificilmente tende a modificar-se, até pela dimensão reduzida da maior parte dos elementos do tecido empresarial e o posicionamento de gestores também pouco qualificados. Importa, por isso, estimular essa mudança, através de mecanismos diversos, inclusivamente fiscais, e gerar o entendimento de que a produtividade varia na razão directa do nível de qualificação dos trabalhadores. O tempo acabará por modificar a situação actual, com a renovação dos quadros das antigas empresas e, de igual modo, com a criação, de novas empresas em que se faça sentir a preponderância de trabalhadores mais qualificados. Porventura, do que não temos sido capazes é de gerar grandes impulsos à criação destas novas empresas, o que acontece em alguns Países, por iniciativa e com o apoio das instituições de ensino superior. Mas entendamo-nos, a dificuldade de emprego dos jovens que são licenciados será sempre menor do que seria

se as suas habilitações fossem inferiores. Quero com isto dizer que, se é preocupante o desemprego de jovens licenciados, nem por isso devemos deixar de nos regozijar pelo facto de eles disporem já de uma habilitação superior; porventura, terão tendência para lidar menos bem com a situação de desemprego, mas é certo que as expectativas de a superarem são garantidamente mais fortes.

POL. – O que é que deveria já ter sido feito, e ainda não foi, a esse propósito?

A. A. C. – Parte da resposta a esta questão decorre do que disse na anterior. Acrescentaria, no entanto, duas notas mais: uma relacionada com as autarquias municipais que poderiam ter um papel importante, se enveredassem por dinamizar actividades culturais, científicas e artísticas na sua área de influência, de que há bons exemplos mas insuficientes; outra, relacionada com os critérios de abertura de cursos do ensino superior, nem sempre orientados para maiores expectativas de empregabilidade, o que até coloca um problema de polivalência formativa. Nesta última referência, o que está em causa é a chamada «relevância» dos cursos ministrados, que será um problema com que a Agência de Avaliação e Acreditação também vai ter de lidar. Devo dizer que existem estudos profundos no Departamento de Planeamento do Ministério das Finanças, em que até se aborda a temática dos «clusters» de Ciência e Inovação como campos privilegiados de desenvolvimento de empresas com trabalhadores de elevada qualificação.

POL. – Faz sentido, na actual situação de crise de empregabilidade, aumentar o número de vagas no acesso ao Ensino Superior?

A. A. C. – Do que disse antes, faz todo o sentido aumentar o número de vagas em cursos de elevado grau de empregabilidade; pelo contrário, nada justifica a abertura de cursos de reduzida polivalência e orientados para sectores saturados. A este respeito, é legítimo afirmar que, durante muitos anos, não se ponderou este problema e, bem pelo contrário, assistiu-se à abertura de cursos com designações apelativas, mas sem correspondência nos conteúdos efectivos, quase sempre distantes de qualquer relação com o mundo do trabalho. Dito isto, não posso deixar de referir que, sobretudo nas universidades, é razoável admitir a existência de alguns cursos não directamente relacionados com o mundo do trabalho do nosso tempo, mas que podem representar um salto para o futuro, numa época em que a regra de vida não é a estabilidade mas sim a mudança em alta velocidade social.

POL. – O que podem esperar os jovens candidatos ao ensino superior para o futuro?

A. A. C. – Devem esperar e merecem várias coisas, entre as quais: maior dinâmica da economia nacional; maior exigência formativa, por parte dos empresários aos trabalhadores que recrutam; melhor critério dos estabelecimentos de ensino superior, escolhendo cursos de maior empregabilidade; maior facilidade na assunção da sua cidadania europeia, orgulhando-se da sua raiz portuguesa; melhor formação durante os cursos que vão frequentar, oferecendo-lhes capacidade de iniciativa que possam conduzi-los a uma lógica empreendedora. Tendo em atenção que os jovens candidatos ao ensino superior serão futuros trabalhadores – não deixo de recordar que uma constante das políticas da União Europeia é a chamada «Declaração de Lisboa», com alguns anos já passados, em que a exaltação ao esforço formativo dos trabalhadores era, a par da coesão social, um dos objectivos dominantes. Entre nós, diria que necessitamos de um verdadeiro «choque de conhecimento», susceptível de superar uma certa tendência para o empirismo, o «chico-espertismo» e alguma leviandade funcional. A este respeito, não podemos esquecer que, num inquérito que se realiza há cerca de uma dezena de anos, a grande maioria dos trabalhadores no activo não sentia «necessidade» de investir na sua formação individual … numa clara manifestação de inércia pessoal e profissional. Felizmente, creio que os tempos mudaram e alguns programas em curso, tanto no ensino superior como nos outros níveis de escolaridade, são um bom exemplo do que pode e deve fazer-se.

POL. – Pensa ter contribuído para o aperfeiçoamento do Ensino Superior em Portugal?

A. A. C. – A comissão de reforma do sistema educativo incidiu muito mais sobre os níveis de ensino anteriores, mas também já nessa altura estudámos muito o ensino superior, em particular aquela dicotomia sempre existente entre ensino politécnico e universitário. A primeira vez que eu tive contacto e oportunidade de aprofundar o conceito das duas modalidades de ensino superior, foi bastante útil para a minha actividade no ensino politécnico.

A Agência de Avaliação e Acreditação irá tornar-se na entidade de garantia de qualidade do ensino superior tomando como referencial dessa qualidade o que de melhor se faz a nível europeu

POL. – O arranque em 1985 do IPL, a cuja Comissão instaladora presidiu, marcou, como por vezes se diz, uma viragem no ensino superior em Portugal?

A. A. C. – Nitidamente. O ensino politécnico em Portugal representou talvez, um dos projectos mais bem sucedidos depois do 25 de Abril. Porque tem uma dispersão geográfica muito grande, estende-se por todo o país. É evidente que os distritos mais distantes do litoral ganharam muito com o ensino superior. Por um lado os naturais da região tiveram oportunidades de acesso ao ensino superior que os pais nunca tinham tido, isso em si, em termos sociais foi muito importante. Mas também houve a oportunidade de criar nessas regiões, quadros superiores, que se tivessem encon-

trado por parte dos outros sectores sociais, a mesma possibilidade de desenvolvimento, teriam sido muito úteis para gerar um surto de desenvolvimento dessas mesmas regiões. Infelizmente, tenho que reconhecer que os outros sectores sociais não avançaram tanto, quanto o ensino superior lá. E, também houve uma ideia que a meu ver falhou. Eu sempre defendi, que em todos os distritos deveriam ser criadas escolas de artes para desenvolver a cultura. Claro que a cultura não se resume às artes, mas estas são uma boa oportunidade de gerar outra forma de estar, outra maneira de ser. Nota-se nos distritos onde isso aconteceu, um desenvolvimento bastante acentuado. Cultura é educação e educação é cultura. Não é fácil criar uma escola de artes nos politécnicos, mas os que tiverem essa possibilidade devem fazê-lo.

POL. – A ligação à vida real continua a ser o papel preponderante do ensino politécnico, não lhe parece?

A. A. C. – Inteiramente. Aquilo que distingue fundamentalmente o ensino politécnico do universitário é o modo de associação à vida real. E o politécnico liga-se à vida real de uma maneira mais contemporânea. A universidade pode ter uma visão mais prospectiva, mais distante, mas o Processo de Bolonha acentuou a necessidade desta também atender de imediato ao que se passa na vida real, principalmente no campo económico.

POL. - O Processo de Bolonha veio de alguma forma realçar novamente o papel do ensino politécnico?

A. A. C. – O processo de Bolonha, veio acentuar o ensino politécnico, ou pelo menos chamar a atenção para aquilo que este ensino estava a realizar. O que não quer dizer que já não fosse uma marca bem expressiva. O «banco de empregos» do ensino politécnico, designadamente, as escolas de engenharia e nas escolas relacionadas com a administração e contabilidade, sempre foi muito grande. Quem tiver oportunidade de passar pelas nossas ex-colónias verifica que quer o ISEL, quer o ISCAL, têm lá diplomados seus em lugares chave da administração e até do Governo. Essas escolas, mesmo antes de serem ensino superior já se afirmavam pela possibilidade que tinham de lançar no mercado de trabalho profissionais muito qualificados. A sua ascensão ao ensino superior favoreceu um pouco mais o ensino. No caso destas escolas, continuam a ser muito procuradas pelas nossas ex-colónias e em Portugal também. Hoje o sector dos

Hoje o espaço geográfico da União Europeia é um campo no qual se vão desenvolver os futuros cidadãos de Portugal

contabilistas e sobretudo os Técnicos Oficiais de Contas têm no nosso País um peso muito grande, e todos eles saíram do ensino politécnico.

POL. – Continua a encarar o ensino politécnico como o instrumento de que o sistema educativo necessita para se adaptar às necessidades da sociedade e contribuir para o progresso da vida social?

A. A. C. – É evidente que sim. Eu diria que também tem uma outra vertente importante. Se entendemos que a universidade se de deve preocupar com a vida real e deve estar, sobretudo através do Processo de Bolonha, inclinada para pessoal altamente qualificado nos vários sectores da vida social, também é certo que não se pode perder de vista que o ensino superior tem outra missão que é a de antecipar o futuro. Os países não podem estar agarrados à realidade actual, apesar do grande ritmo da vida social. Tenho de memória que em certo momento, na análise dos relatórios dos cursos de física do ensino universitário, em que colaborei, a pedido no Prof. Veiga Simão, constatei que havia um curso dessa área em Portugal, em que a maioria dos seus diplomados ficou na própria instituição, e bem, porque ficaram a fazer investigação, numa área em que o país ainda não contemplava, mas passou a fazê-lo. É uma área de grande interesse. O ensino universitário tem uma capacidade, em termos de recursos humanos na área da investigação, um papel preponderante. O que não quer dizer que o ensino politécnico não possa fazer isso. É evidente que, está mais na vocação do ensino universitário abrir horizontes futuros e estar atento a tudo quanto se passa no mundo.

POL. – Concorda com as conclusões da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econcómico expressas no último relatório, que apontam progressos na aplicação das recomendações do Ministério?

A. A. C. – Já tive a oportunidade de ler e é evidente que a OCDE, que eu conheço bem (fui mesmo representante de Portugal na organização durante alguns anos), está sempre atenta ao que se passa nos diferentes países. Normalmente, as recomendações que faz, ainda que muito orientadas para esta relação entre o ensino superior e o mercado de trabalho, reconhece que o ensino superior em Portugal se virou definitivamente para a vida do próprio país. Porventura, não sei se devemos orientar a nossa actividade para o próprio país. Hoje o espaço geográfico da União Europeia é um campo no qual se vão desenvolver os futuros cidadãos de Portugal. Não devemos ficar incomodados se a certa altura os nossos jovens forem para outro país, tal como outros virão para cá. O mercado de trabalho estende-se de uma maneira muito acentuada por toda a União Europeia. Reconheço que a maior riqueza da União Europeia é este conglomerado de culturas dos diferentes países. Mas, reconheço que isto não vale de nada se não houver mobilidade entre eles.

Com Ingleses, búlgaros e estónios

Alunos da Escola de Cinema no Film Festival de Ribadeo

Uma equipa de estudantes de cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema participou no »On & Off Film Festival», que decorreu na pequena cidade espanhola de Ribadeo, 150 quilómetros a Norte de Santiago de Compostela. A experiência foi estimulante e os resultados originais e muito criativos.

Carlos Natálio (texto) em Ribadeo (Espanha) • Hugo Costa (fotos)

O «On & Off Film» é um festival dedicado a curtas-metragens de cinema estudantil, que entrou este ano na sua quarta edição. Além de projecções de rua e de uma secção competitiva, com várias fitas a concurso, a grande novidade de 2008 era a secção «Youth In Action». A ideia, apoiada financeiramente pela União Europeia, é juntar estudantes europeus de cinema durante pouco mais de uma semana e estimulá-los a conceber, executar e projectar pequenos filmes com cerca de cinco minutos.

À chegada a Madrid, o ponto de encontro de todos os participantes, o grupo português entrou logo em contacto com os outros três grupos de alunos; ingleses, búlgaros e estónios. Cada equipa tinha um membro especializado numa área, para que a junção em equipas de cinema fosse mais rápida e eficiente. O grupo português incluía Gonçalo Jordão (Realização), Gonçalo Soares (Montagem), Catarina Pereira (Som), Rúben Santos (Produção) e Hugo Costa (Imagem), todos do 2º ano; e era coordenado por mim

próprio, Carlos Natálio, finalista, que assumi a responsabilidade pelas questões mais burocráticas e os aspectos ligados à supervisão do trabalho.

De Madrid as equipas seguiram de autocarro para Ribadeo. A longa viagem serviu para que os participantes se começassem a conhecer, uma vez que em pouco mais de uma semana teriam que fazer filmes juntos. Já no Norte de Espanha, os alunos ficaram alojados numa escola primária, que serviu de palco aos primeiros jogos e reuniões de trabalho. Além de local de descanso, diversão e trabalho a escola foi também fonte de inspiração para um dos filmes realizados.

A complementar a vertente multicultural do projecto, a organização pediu aos participantes que organizassem uma noite típica, dedicada ao país de cada grupo. Assim, sucederam-se as noites nacionais com comida, jogos e canções típicas.

Com tão pouco tempo para fazer filmes, a organização era fulcral. Assim, e desde logo, os passeios pela cidade de Ribadeo serviam simultaneamente de inspiração para a criação de ideias e a pesquisa de locais de filmagem.

O segundo dia em solo espanhol foi inteiramente dedicado à formação dos grupos e ao desenvolvimento das histórias. O tema era livre, mas a experiência de convivência em ambiente de festival acabou também por se fazer sentir nas histórias.

E Ribadeo tornou-se capital do cinema. Por força da competição oficial, que decorria em paralelo à secção internacional, várias equipas de cinema espalharam-se pelas ruas da cidade. Todas elas a filmar.

Singularidades de um cinema portátil

DEPOIS de constituídas as equipas, cada grupo organizou-se livremente para escrever as suas ideias. Um dos grupos teve uma só pessoa a escrever, mas dois outros criaram as suas histórias colectivamente. E um houve que prescindiu mesmo de um argumento tradicional escrito, baseando-se apenas em algumas linhas directivas e numa abordagem mais documental.

Uma vez fechados os argumentos, o dia seguinte foi dedicado à produção e vários pequenos problemas se levantaram. Mas como os cineastas se têm de habituar desde cedo a condições adversas, lá se foram arranjando os adereços e locais. Estes eram muito diversificados, passando por um coro de igreja à autorização para filmar numa discoteca.

Os argumentos das curtas-metragens foram escritos pelos próprios alunos

Chegaram os dias de rodagem: um para cada grupo, excepto imprevistos. Os filmes seriam rodados em minidv e de preferência com luz natural, uma vez que não existia material de iluminação disponível. Quem optasse por filmar um dia mais tarde teria mais tempo de preparação e menos tempo de montagem. E vice-versa.

Os actores tanto foram membros das outras equipas de cinema, como actores ou simplesmente amadores que responderam a um casting publicitado nas ruas de Ribadeo. E organizado naquela que viria a ser a sala de projecção dos filmes, no final do festival.

As condições disponibilizadas e o escasso tempo disponível não permitiram filmes muito apurados tecnicamente. No entanto, o resultado final deste «youth exchange programme» traduziu-se em obras originais e interessantes.

Gonçalo Jordão realizou «Baixa Ceo!», uma enternecedora história de conquista amorosa. E «Bittersweat», co-realizado por Gonçalo Soares e Leeni Linna, uma das participantes estónias, conta a história de um rapaz que comete um crime para ir parar à prisão e assim se poder «libertar» da sua namorada.

Os outros dois filmes foram «The Flower Seller», realizado pelo inglês William Tennant, estudante da London Film Academy (como todos os seus compatriotas), que narra o pequeno drama de um vendedor de flores que não consegue arranjar namorada; e «Ribadeo, Babylon», o mais experimental, que se virou para a cidade que acolheu o festival, fazendo o retrato, entre a ficção e o documentário, de um jovem que chega à cidade e a tenta «incorporar», assim como integrar-se na sua sociedade.

No penúltimo dia, as obras foram exibidas no Auditório Municipal, após dois dias e duas noites de montagem e pós-produção de som. A reacção do público foi extremamente positiva, deixando antever a futura continuidade do projecto «On & Off Film Festival».

Os participantes portugueses ficaram com uma boa recordação da sua participação e, acima de tudo, empenhados em procurar apoios financeiros para organizar este tipo de encontros em Portugal.

'A Curva' bate todos os recordes

Seis milhões vêem no YouTube actores da Escola de Cinema

David Rebordão pode orgulhar-se de ter conseguido o que nenhum outro realizador português conseguiu até hoje: juntar seis milhões de espectadores a ver o seu filme «A Curva». Realizada em 2004, esta curta-metragem, com a duração de sete minutos, é já o maior êxito do cinema português ao nível das audiências. O filme foi divulgado internacionalmente através do YouTube, a plataforma cibernauta cada vez mais na berra.

Textos de Paulo Silveiro

«Foi ali que eu morri», diz a personagem de Teresa Fidalgo, imediatamente antes do carro se despistar

A HISTÓRIA do filme é muito curiosa, tendo sido feito como meio promocional de uma outra curta-metragem. Em 2004, David Rebordão estava com dificuldades em realizar o filme «O Vírus», quando se lembrou de fazer uma pequena metragem que funcionasse como chamariz. Foi assim que nasceu «A Curva».

O filme é apresentado como uma filmagem realizada por um grupo de amigos, que se passeia de carro numa noite pelas estradas de Sintra. Subitamente uma estranha rapariga aparece a pedir boleia. O desfecho é surpreendente: a rapariga era o espírito de Teresa Fidalgo, uma jovem que tinha morrido numa curva daquela estrada. Os jovens acabam por se despistarem e morrer na mesma curva. A ideia de David Rebordão era apresentar este filme como uma história verdadeira. O resultado foi assombroso: «A Curva» tornou-se um mito urbano, a partir do momento em que um cibernauta desconhecido resolveu inseri-lo no maior site de divulgação de vídeos do mundo, o famoso YouTube.

O filme percorreu o mundo. Foi legendado em inglês, italiano, espanhol e até em línguas orientais, tendo sido visto milhões de vezes. A face mórbida de Teresa Fidalgo, ao voltar-se para a câmara e exclamar «Foi ali que eu morri» concorre em termos de popularidade com a sensualidade de Sorraia Chaves n' «O Crime do Padre Amaro», o filme português mais visto até hoje.

Para tornar a história mais realista, David Rebordão usou actores desconhecidos do grande público. A escolha recaiu em alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema, que tiveram assim a oportunidade de testarem as suas capacidades artísticas. Esta colaboração dos alunos da escola já existia desde algum tempo. Sempre que eram precisos actores para publicidade ou videoclips, os alunos da ESTC eram referenciados como os mais capazes para encarnarem as personagens. O resultado não poderia ter sido melhor: o seu desempenho foi tão verosímil que o filme passou por verdadeiro, tornando-se um fenómeno da internet.

Para o realizador o sucesso deve-se ao facto da história retratar um mito universal, já que em todos os países

Foto de Bárbara Gabriel

A jovem actriz, Sara Cipriano, faz o papel de Teresa

existem descrições de aparições de mulheres de branco em estradas. Durante um ano, David Rebordão manteve o anonimato em relação à autoria do filme, contribuindo para a especulação que se gerou quanto à veracidade da «Curva». Após esse período de tempo, o realizador apresentou-se aos Media como o autor do filme com mais visualizações na internet, tentando tirar partido desse facto para angariar apoios para os seus projectos cinematográficos. E conseguiu finalmente que a produtora MGN, de Tino Navarro, aceitasse produzir a longa-metragem RPG – Real Playing Game. O seu grande desafio é agora conseguir que esta fita alcance o sucesso que ele sempre pensou que poderia atingir, se lhe dessem uma oportunidade.

O guião gira à volta dos videojogos, onde as personagens vivem vidas alternativas, num thriller futurista. Outra particularidade do projecto consiste no facto do casting estar a ser realizado através da internet. Foi construído um site sobre o filme – rpgcasting.com – onde os actores que quiserem candidatar-se a um papel no filme podem seleccionar os personagens de acordo com as suas características físicas e psicológicas. Após a escolha, os actores terão que filmar uma cena proposta pela produção do filme e enviá-la para o site.

Os internautas que acedam ao site, podem ver os sketches dos candidatos e votar nos que considerarem os melhores. Já existem cerca de 450 candidatos, de todas as partes do mundo, sendo que os melhores serão chamados a realizar um casting presencial. A escolha final recairá nos dez melhores actores, que irão integrar o elenco do filme que será rodado este ano.

David Rebordão tem a consciência de que foi o sucesso alcançado pela curva, que lhe abriu a porta junto das produtoras nacionais, e que esta é sua oportunidade para mostrar o que vale. Para isso, a produtora MGN tem cerca de um milhão de euros para reunir uma equipa, que consiga por em prática as suas ideias. E essas não lhe faltam. Na certeza de que o cinema é (também) um negócio e o retorno financeiro é importante, tem a palavra o público que será sempre o crítico mais importante para o realizador.

Um mistério

na estrada de Sintra

Foto de Bruna Viegas

A história de «A Curva» tem semelhanças com um famoso filme, supostamente feito por três estudantes de cinema, que entraram nas florestas de Burkittsville, Maryland, nos Estados Unidos, para filmar um documentário sobre um caso de bruxaria. Desapareceram sem deixar rasto, e um ano depois foi encontrado um filme que retratava os acontecimentos sobrenaturais vividos pelos três estudantes.

Esse episódio provocou grandes discussões sobre a sua veracidade, tendo dado origem à mitologia d' «A Bruxa de Blair». Todo o folclore gerado em seu redor foi depois aproveitado pela Haxan Filmes, para divulgar em todo o mundo o filme dos estudantes como verídico. A produtora lucrou milhões e o site foi visitado por mais de 20 milhões de pessoas só na primeira semana da exibição.

Na «Curva» sucedeu um pouco o contrário; só depois da colocação do filme na internet, surgiram os fóruns de discussão sobre «o fantasma da estrada de Sintra».

A personagem de Teresa Fidalgo, que foi interpretada de forma soberba pela aluna da Escola Superior de Teatro e Cinema, Sara Cipriano, tornou-se um verdadeiro ícone na internet. Se fizermos uma pesquisa no Google, deparámo-nos com uma exaustiva descrição da personagem. O fascínio das pessoas pelo sobrenatural é tão intenso, que houve quem jurasse a pés juntos ter visto a sepultura de Teresa Fidalgo num cemitério de Sintra. Conhecidos como lendas urbanas, este tipo de fenómenos são difundidos por forma oral ou pela internet, utilizando o e-mail. Algumas dessas histórias são baseadas em lendas antigas que, ao longo do tempo, foram sofrendo alterações.

O realizador rebelde

O CINEASTA rebelde nasceu em Lisboa no ano da Revolução de Abril. Ainda frequentou o curso de Direito, mas depressa se percebeu que não era essa a sua vocação. Desde a infância que se interessava por cinema. E, dado que o pai era dono de um clube de vídeo, tinha acesso a muitos filmes.

Aos 7 anos já conseguia ler as legendas. Mais tarde, quando tinha 14 anos, foi experimentar o teatro amador, mas o teatro não o fascinou convenientemente. E aos 18 anos, com o advento das televisões privadas, resolveu inscrever-se na Escola Técnica de Imagem e Comunicação – ETIC onde tirou o curso de operador de câmara. David tinha consciência de que era necessário começar por aprender as técnicas cinematográficas, antes de se aventurar na realização de uma película. Quando saiu da escola foi trabalhar noutras áreas, regressou aos 28 anos para tirar o curso de realização. O empenho e o entusiasmo demonstrados durante o curso, foram premiados com a permanência na ETIC durante um ano, aproveitando o material que a escola lhe disponibilizava para desenvolver e testar o que tinha aprendido.

A entrada no mercado de trabalho deu-se na área da publicidade, onde trabalhou em várias agências como editor de imagem. Mas o sonho continuava a ser a realização de filmes. Tentou então vender aos produtores as suas ideias: uma série de treze episódios para televisão, «Lendas em Séries», sobre lendas portuguesas de cariz sobrenatural, oriundas de várias regiões do país; a longa-metragem Real Playing Game; e a curta-metragem «O Vírus». O expediente fracassou, mas a criatividade levou-o a ter a ideia que mudou tudo.

David Rebordão é um feroz crítico do panorama audiovisual português. Qual D. Quixote contra os moinhos de vento, não desiste de lutar pelos seus projectos, utilizando os seus dotes criativos para os promover. A internet é uma ferramenta poderosa e David Rebordão utiliza-a sabiamente. O site de «A Curva» inclui um teaser sobre as «Lendas em Série », seguido de uma petição para pressionar as estações de televisão a produzirem-nas. A palavra de ordem é «Todos juntos vamos conseguir mudar o audiovisual em Portugal».

David Rebordão, cineasta inconformista

O realizador considera que em Portugal dá-se mais valor aos «artistas» sem qualidade, quando são «popularuchos», do que aos jovens que tentam iniciar-se com poucos meios. Em sua opinião, as estações de televisão estão mais interessadas em noticiar catástrofes naturais, crimes e mexericos políticos do que em realizar jornalismo de investigação. A internet acaba assim por dar a oportunidade aos jovens criativos com pequenos meios, de mostrarem do que são capazes. Para David Rebordão a internet é fundamental para qualquer profissão, ali não existem limites à capacidade criativa, e os críticos são os cibernautas que fazem a avaliação do que vêm.

O realizador é igualmente crítico do cinema que se faz em Portugal, sublinhando o facto de ser dos poucos países que nunca tiveram nenhum filme nomeado para os Óscares. E considera que os nossos realizadores são poucos exigentes, ficando empolgados quando atingem os 400 mil espectadores.

David Rebordão diz que, ao contrário do que ouviu dizer a João Benard da Costa, o cinema é entretimento. Em seu entender o actual problema do cinema português não é técnico, mas de falta de argumentistas que forneçam matéria-prima de qualidade. Ele é adepto do cinema que se faz em Hollywood, sendo fã de Steven Spielberg. E apesar de saber que o facto de ser tão crítico pode afastar potenciais produtores, não desiste de dizer e fazer o que considera correcto.

Presidência do IPL completa

Arquivo *Politecnia*

Lurdes Serrazina

Vicente Ferreira

Mendes da Cruz

COM a nomeação do Professor Doutor Manuel Mendes da Cruz, do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, como vice-presidente, fica completa a equipa que dirige o Instituto Politécnico de Lisboa. O colectivo presidido pelo Professor-coordenador Vicente Ferreira contava já, desde a sua reeleição, com a Professora Doutora Maria de Lurdes Serrazina, da Escola Superior de Educação de Lisboa, como vice-presidente.

A posse de Mendes da Cruz realizou-se no passado dia 1 de Setembro, nos serviços Centrais do IPL, sob a presidência de Vicente Ferreira.

Mendes da Cruz licenciou-se em Controlo Financeiro no ISCAL, concluiu o mestrado em Gestão e Estratégia Industrial no Instituto Superior de Economia e Gestão e doutorou-se em Gestão Global no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa. Docente e Presidente do Conselho Científico do ISCAL, possui uma vasta experiência na Indústria seguradora, onde desempenhou funções de direcção. Foi o autor da primeira obra publicada pela colecção Caminhos do Conhecimento, «Fundamentos do Processo de Decisão Estratégica na Indústria Seguradora Portuguesa».

Maria de Lurdes Serrazina acumula a vice-presidência do IPL com a presidência do Conselho Directivo da Escola Superior de Educação de Lisboa. Licenciou-se em Matemática na Universidade de Lisboa, possui o Master of Education, Mathematics Education da Universidade de Boston e é Doctor of Philosophy, Mathematics Education pela Universidade de Londres. É a actual coordenadora da Comissão de Acompanhamento do Programa de Formação Contínua em Matemática para professores do 1º ciclo, nomeada pelo Ministério da Educação.

Campeão Olímpico regressa às aulas

Carlos Matos / COP

O ATLETA Nelson Évora, aluno da Escola Superior de Comunicação Social, regressa à rotina do seu curso de Publicidade e Marketing, após deixar a sua marca na história da participação portuguesa nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. No dia 21 de Agosto de 2008, o seu esforço foi recompensado com a obtenção da medalha de ouro no triplo salto. Há 12 anos que o nosso país não conquistava uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. O atleta passou a garantir a 4.ª medalha de ouro alguma vez conseguida, sendo a 1.ª numa disciplina técnica. Imparável, continua a demonstrar o seu potencial, tendo vencido entretanto a final do triplo salto na final mundial de atletismo realizada em Estugarda, na Alemanha. A par de Nelson Évora, a atleta Naide Gomes, aluna da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, como que em desforra pelos resultados em Pequim, foi também vencedora em Estugarda.

Criadora, intérprete e

Amélia Bentes: bailarina e

A dança entrou muito cedo na vida de Amélia Bentes e nunca mais saiu. É através dela que a bailarina exterioriza energias e emoções que passa aos espectadores, despertando neles a imaginação, os sentidos, a capacidade de viajar na máquina dos sonhos. A Escola Superior de Dança, a que se mantém ligada desde o início do seu percurso, é o palco onde, como professora, transmite experiências e ensinamentos aos que agora dão os primeiros passos.

Textos de Clara Santos Silva

A ENTRADA de Amélia Bentes na Escola Superior de Dança deu-se em 1987, terminando em 1989 a licenciatura em espectáculo. Considera-se, aliás, uma pioneira da escola, dado tê-la frequentado no seu primeiro ano de existência. No mesmo período, e sendo a dança contemporânea, uma área ainda em expansão, foi aluna convidada da Escola do Ballet Gulbenkian. Foram três anos muito intensos, que se configuraram como uma rampa de lançamento muito importante.

A ambição de desenvolver cada vez mais o lado coreográfico, a condição de intérprete e a improvisação, levou-a a optar por procurar mais formação, desta feita no estrangeiro. Através de referências dadas por Gil Mendo, professor da Escola Superior de Dança, chegou à European Dance Development Center – College of Arts, na Holanda, onde se diplomou em dança e coreografia. Esta nova experiência, permitiu alargar os horizontes, principalmente no campo da técnica Contact Improvisation. Apesar de pouco conhecida em Portugal, esta técnica surgiu nos Anos 60 na Europa. Assenta muito na sensibilidade do toque e da pele, tirando partido da força da gravidade.

Ainda na Holanda, Amélia Bentes tornou-se, em 1990, membro da Companhia, Amsterdam Dance Theatre. Desde aí que investe, incessantemente, na actualização das técnicas, que são objecto de constantes mudanças. Isso explica que intercale as suas actuações em Portugal com idas ao estrangeiro, como intérprete, coreógrafa e até professora.

A partir de 1991 passou a incorporar a Companhia Clara Andermatt, com quem se identifica muito em termos de emocionalidade e de linguagem. E, quase em paralelo, dançou, entre 1993 e 1994, inúmeras coreografias de Paulo Ribeiro, voltando a aceitar um seu convite em 2005, para a comemoração dos dez anos da Companhia.

O seu projecto pessoal iniciou-se em 1997, com o espectáculo Circular Ar, mon-

A «Noite Árabe» e outros sonhos

AMÉLIA Bentes continua cheia de projectos, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Este ano, a convite do encenador Paulo Filipe, ensinando os actores da peça, «A Noite Árabe» de Roland Schimmelpfennig, que esteve em cena de 7 a 16 de Março último, no Teatro da Politécnica, a movimentar-se em palco. Essa experiência nova foi, para ela, muito enriquecedora, levando-a não só a olhar para os corpos mas a «ouvi-los».

Do estrangeiro surgiram-lhe convites para ir à Finlândia e à Holanda dar algumas aulas, o que a bailarina Amélia Bentes levou a decidir que em 2009 irá apostar em cursos intensivos.

O seu mais recente sonho é um projecto, ainda embrionário, que deverá ser protagonizado por um trio de mulheres, e que espera poder apresentar já no próximo ano.

professora de dança

coreógrafa de corpo e alma

Foto do Cem

tado com o objectivo de obter apoio do Ministério da Cultura. A tentativa resultou e o financiamento mantém-se até hoje.

Um dos seus últimos trabalhos de relevo foi o Dueto Ego Skin, apresentado em 2007, no Centro Cultural de Belém. Trata-se de um projecto inovador, que a leva a partilhar o palco com Ludger Lamers, numa viagem tridimensional, que atravessa o teatro, a dança e o desenho digital, tendo uma vez mais como referência o corpo e a pele. O sucesso deste trabalho acabou por determinar a necessidade de organização de inúmeros workshops ligados à improvisação, que percorreram algumas regiões do País.

Amélia Bentes lamenta que a dança esteja ainda pouco popularizada em Portugal, já que, para além de não ser possível manter um espectáculo por mais de dois dias em cena, o público é escasso e pouco simpático para os bailarinos. O lado bom é que os teatros são cada vez mais receptivos à sua actuação e têm cada vez mais condições de proporcionar um bom espectáculo.

Montar um espectáculo implica um investimento enorme, em tempo e esforço, para a equipa. O Ego Skin, por exemplo, começou a ser preparado um ano antes de ser apresentado no Centro Cultural de Belém. Os workshops são mais baratos, mais fáceis de colocar em funcionamento e chegam mais facilmente às pessoas, mas são o que são. A adesão é, aí, muito superior à de uma apresentação em palco.

Para a bailarina o Ministério da Cultura deveria investir mais no ensino da dança e incita as companhias de dança a apostar mais nos novos bailarinos que estão a sair das escolas, e menos na contratação de bailarinos estrangeiros.

O ensino é nela uma paixão. Amélia Bentes nunca chegou a parar de ensinar. Associou sempre a missão pedagógica às suas performances de intérprete e de coreógrafa. As professoras Manuela Valadas e Luísa Taveira são as «culpadas» dessa dedicação, uma vez que foram elas que iniciaram os convites que recebe para dar aulas na Escola Superior de Dança, o que se mantém até hoje.

A dança é um espelho social

Catarina Barata

A DANÇA contemporânea, como evolução da dança moderna, procura transmitir sentimentos e problemas da sociedade actual, através de movimentos que reflectem imagens corporais e mentais, desenvolvendo o corpo em movimentos expressivos de ideias abstractas.

A consciência do corpo, dos gestos, da expressão, é fundamental para a desinibição na dança, fazendo esquecer o preconceito do toque. Amélia Bentes tem trilhado, nesta área, um caminho profundo no desenvolvimento da dança contemporânea, no estudo dos movimentos e das suas mensagens.

Começou cedo na dança, mas desde logo percebeu que essa seria a paixão da sua vida. Aos 14 anos a dança começou a assumir um papel muito forte, e pelas mãos da professora Fátima Piedade, que cedo percebeu as suas potencialidades, tornar-se-ia sua assistente em todos os espectáculos e produções, entre 1980 e 1992.

Uma manhã no Estúdio 8

Fotos de Bárbara Gabriel

AMÉLIA BENTES entra no Estúdio 8 da Escola Superior de Dança, seguida dos alunos do 1º ano. Estão um pouco apreensivos. Eles sabem que a formação-base que possuem não é ainda suficiente para que tudo corra como desejam. Estão ainda «verdinhos».

A sessão começa com um aquecimento profundo, a nível muscular. Solto o corpo, há que trazer a mente para dentro da sala. Começam então a mexer-se em todas as direcções, com total desinibição. A professora fala-lhes da importância dos sentidos, do toque, da intensidade, da qualidade dos seus movimentos. E quando atingem esse domínio, irrompe a espontaneidade e a improvisação.

Tudo é novo para eles. E essa novidade é acolhida com evidente prazer. Percebe-se, na leveza dos movimentos, a intensidade da mensagem que passa dela para eles. Parece uma contradição mas não é. Eles seguem-na atentos, tentando a todo custo repetir o esquema com a mesma energia e paixão.

A formação de dança nesta Escola dirige-se fundamentalmente à área do espectáculo. E um ensino muito vocacionado para a coreografia, em que todos sabem que três anos de formação é pouco para entrar num meio onde há muito competição. Os estudantes são por isso convidados a construir a sua própria mensagem. É um trabalho de estudo muito intenso, que quando não é feito com base em muita pesquisa acaba por ter de ser copiado. A docente estimula a leitura, o gosto pela cultura, o prazer do texto.

A dança contemporânea tem uma componente improvisação muito forte. Amélia explica que os movimentos que exemplifica são «puro esqueleto», a partir do qual se pode construir uma frase, uma mensagem. É essa, de resto, a técnica de contact improvisation, que trabalha muito com a sensibilidade do toque e da pele, com a gravidade. Fala do estado de awareness, da consciência do espaço e dos outros, da noção de peso e de cheiro. É uma tridimensionalidade, na qual o corpo tem que estar livre para se mexer em todas as direcções, chamando a si a mente. A consciência periférica permite ao bailarino estar atento a tudo e a todos, nomeadamente o público, e em simultâneo tocar no corpo um do outro sem pudor. É um trabalho muito emotivo, no qual também podem utilizar-se metáforas, trabalhando muito na transformação de uma imagem com a qual o público se identifique.

A dança passa muito pela imaginação, não se prendendo muito a fórmulas e pode levar quem o faz a descobrir-se como indivíduo. A técnica é, aqui, um instrumento, que leva a que o público esqueça o corpo e viaje, entrando em comunicação com o bailarino.

Foto de Bárbara Gabriel

Tempo de ser criativo e correr riscos

Escolas do IPL estimulam ideias geradoras de emprego

As escolas do Instituto Politécnico de Lisboa reforçam a aposta no empreendorismo. As suas redes de colaboração científica e tecnológica ganham maior dimensão, envolvendo cada vez mais alunos e professores no processo gerador de ideias e projectos de sucesso. O tema esteve em debate no ISEL, num encontro que reuniu muitos especialistas. Num tempo em que cresce a ideia de que o pleno emprego chegou ao fim, a criação de emprego próprio pode ser boa solução.

Textos de Clara Santos Silva • Fotos de Pedro Pina

O presidente da Brisa, Vasco Mello, ao lado do presidente do IPL, Vicente Ferreira, e do empresário Ricardo Prata, ouvem atentamente as explicações do engenheiro Luís Osório sobre os projectos desenvolvidos no novo laboratório do ISEL

O INSTITUTO Superior de Engenharia de Lisboa acolheu recentemente um workshop alusivo ao empreendorismo, centrado na ideia da viragem por que passam, a nível internacional, as áreas económica e social. O evento reuniu especialistas de várias instituições, reconhecidos pelo seu trabalho ou experiência no campo do empreendorismo. E os intervenientes foram unânimes em afirmar, ao longo do debate, que Portugal atravessa, inserido numa realidade maior, um momento particularmente difícil, que exige uma consciência, assente no maior papel que terá a aprendizagem ao longo da vida activa, que será também ela mais longa.

A primeira grande crise de globalização, nas palavras de Augusto Mateus, economista e conhecedor destas matérias, provocará mudanças também na forma como se encara a realidade numa vertente política. Uma das

Os professores Augusto Mateus e Fernando Gonçalves (Instituto Superior de Economia e Gestão), Fernando Santana (Faculdade de Ciência e Tecnologia) e o presidente do IPMAEI, Luís Costa, foram os principais oradores do encontro

grandes respostas a este paradigma é, sem dúvida, ser empreendedor, apresentar conceitos inovadores. Trabalhar com o objectivo de criar o próprio emprego é uma saída ao agravamento do desemprego, nomeadamente dos licenciados. A importância do conhecimento assume-se primordial como factor de distinção no mercado de trabalho. Ainda, e ainda segundo aquele ex-ministro da Economia, as pessoas têm que investir numa actividade onde possam ser úteis e autónomas. O paralelismo entre produto / serviço pode ser uma das chaves para o sucesso, considerando sempre o segmento de mercado a quem se dirige, e as oportunidades que surjam. Aqui, os Institutos Politécnicos têm um papel de relevo, que passa por promover o desenvolvimento regional, lembrou o presidente do IPL, Vicente Ferreira.

Na óptica do Estado, representado por Luís Filipe Costa, presidente do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI), a qualificação das pessoas, e a capacidade de solução de risco dos portugueses, serão fundamentais para encarar este período negativo de grande flutuação económica. Em sua opinião, os portugueses são «culturalmente avessos a cooperar», mas é aí que reside a resposta. A cooperação entre empresas e unidades académicas, defendida pelo presidente do IPL, já deu mostras de sucesso noutros países. Um bom exemplo é a Itália, país onde a cooperação obteve melhores resultados, até como factor de sobrevivência por parte de alguns sectores.

O programa FINICIA é uma das redes de parcerias que parece ter semeado alguma confiança junto dos jovens empreendedores. O IPL continua a investir nesta plataforma, acreditando tratar-se de um fio condutor para a inovação e desenvolvimento.

Brisa subsidia novo laboratório no ISEL

O INSTITUTO Superior de Engenharia de Lisboa ficou mais apetrechado, desde a inauguração do seu mais recente laboratório do departamento de engenharia de electrónica e telecomunicações e de computadores. Aproveitando a presença de Vasco de Mello, presidente do conselho de administração da Brisa, cujo contributo financeiro permitiu colocar o laboratório em funcionamento, a inauguração deu-se com o descerramento da placa pelo próprio. O professor Luís Osório, principal responsável pela realização do workshop ISEL Empreendedorismo, mostrou-se muito satisfeito com o avanço conseguido, quer pelo debate promovido, quer com o novo laboratório. O sentimento de que a mensagem passou foi sentido por todos os presentes no evento. O enfoque para o investimento em redes de cooperação, a par do que acontece entre o ISEL e a Brisa, serviu de exemplo para que muitos mais surjam.

Muitos dos oradores afirmaram a falta de coragem do Estado em desencadear sérias mudanças no desenvolvimento do empreendorismo. Apesar de ainda ser encarado como subsidiador, Luís Osório considera que seria muito positivo ser o Estado a criar condições para que o potencial na inovação seja mais intenso, tendo um conhecimento mais directo na avaliação das situações. Aquilo que se pretende é garantir que as universidades e politécnicos sejam melhores no campo da inovação. No entanto, o investigador assegura que se todos tivessem as mesmas regras os resultados seriam melhores. É ainda de opinião de que quem consegue resultados tem apoio implícito. «O problema do empreendorismo é comum aos dois subsistemas e é importante que as empresas sejam financiadoras das condições de investigação e desenvolvimento». Os projectos, esses continuam a surgir, permitindo avanços tecnológicos no campo das telecomunicações, que fazem do ISEL uma escola amplamente cotada nestas matérias.

O software associado ao projecto de gestão de parqueamentos, com recurso ao reconhecimento automático de matrículas

O director da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Fernando Santana, assertivo no discurso, aproveitou a oportunidade para criticar a opção do tecido empresarial português pela compra de know how, lançando para segundo plano a procura de inovação tecnológica. E o mesmo orador, também representante do Madan Park Ciência, um parque de ciência, localizado no campus da FCT, aproveitou para lamentar que as incubadoras de empresas estejam quase sempre associadas a prejuízo, em contradição com o sucesso que têm mostrado.

Um outro fervoroso apoiante das incubadoras de empresas, Joaquim Menezes, reforça aquela ideia. A OPEN, a que preside, é uma incubadora sediada na Marinha Grande, em estreita relação com empresas da região, com a administração local, e com o ISEL, em cujas instalações possui um espaço de incubação virtual. Joaquim Menezes foi, ele próprio, aluno do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, e como tal é-lhe muito cara esta cooperação. Na sua perspectiva, «dar aos outros o que lhe foi dado» motiva-o a continuar ligado a este projecto.

Um das modernas teorias sobre o empreendorismo assenta nas mudanças culturais profundas, que devem ser desencadeadas na ligação com os alunos, motivando-os, trabalhando o seu espírito empreendedor e mostrando-lhes resultados de casos de sucesso. Um dos maiores exemplos a apontar é claramente o do MIT - Massachusetts Institute of Technology (agora em Portugal), em que 80% dos seus alunos não aceitaram a proposta de primeiro emprego, preferindo investir na criação da própria empresa.

O contacto com o exterior por parte dos docentes é uma das estratégias que permite catalisar novos conhecimentos que vão sendo transmitindos aos alunos, tornado a sua formação mais dinâmica e não meramente académica.

O empreendorismo está directamente relacionado com o factor inovação. A pressão da procura catalisa a dinamização da oferta, de acordo com os economistas que estudam a área. Fernando Gonçalves, do Instituto Superior de Economia e Gestão, afirma convictamente que os cientistas não são inovadores, nem podem ambicionar ser empreendedores. A sua função passa por apresentar soluções para velhos problemas. Ser empreendedor significa abraçar uma ideia e apresentá-la ao mercado. No entanto, não podemos esquecer que as universidades não geram só investigadores, mas também empreendedores. Daí ser importante adequar o ensino às várias vertentes.

A capacidade de ver numa ideia uma oportunidade faz a diferença, trabalhando sempre com certezas, mas consciência dos riscos. O conhecimento da possível taxa de sucesso e insucesso é primordial para a gestão do risco de quem quer lançar-se no mercado.

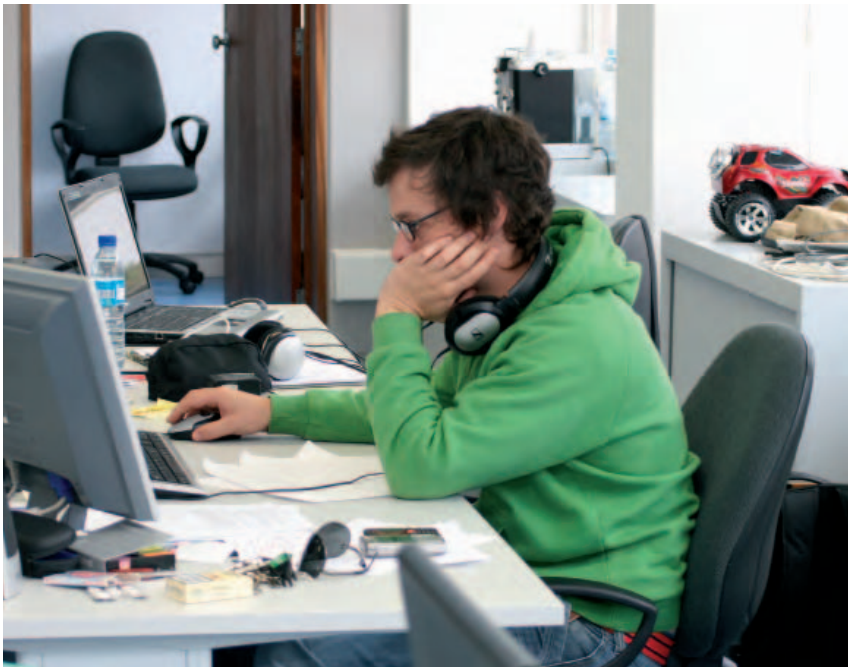
Em representação das plataformas, estiveram presentes no evento, professores da Escola Superior de Comunicação Social e do ISEL. Francisco Costa Pereira, da ESCS, centrou o seu discurso na falta de consciência das instituições de ensino superior quanto ao papel que desempenham no campo do empreendorismo. Defende que os alunos, no decurso da sua formação, podem trabalhar e adquirir características, que de alguma forma os possam conduzir a um percurso empreendedor de sucesso, no qual a importância de pensar estrategicamente está no topo.

Mas, como o empreendorismo não sobrevive sem meios financeiros, Rita Seabra, directora do IAPMEI, directamente ligada ao programa FINICIA, falou resumidamente sobre o apoio dado pelo Estado no recurso a crédito

bancário com garantia e elaboração de planos de negócios. A plataforma IPL – Universidade Católica, inserida nesse programa, espera colher resultados na apresentação de projectos inovadores por parte dos alunos das suas escolas.

O encontro não terminou sem dar a conhecer dois casos de boas práticas e de sucesso que podem servir de rampa de lançamento para tantos outros. As empresas Makewise e DailyWork mostraram que é possível vencer no campo da inovação tecnológica. Os ex-alunos do ISEL, Pedro Manuel, da Makewise, e Ricardo Prata, da Daily Work, falaram um pouco da experiência que têm no processo de criação de empresas e selaram as suas apresentações com chave de ouro, assinando contratos estabelecidos com o ISEL, representado pelo professor José Carlos Quadrado, presidente do Conselho Directivo, garantindo a continuidade de uma relação de cooperação muito enriquecedora para todas as partes.

O ISEL foi exaltado por todos os presentes, porquanto mostra até hoje que o seu papel vai além do mero ensino teórico, privilegiando ainda e sempre o contacto com as empresas e com os alunos que apresentem projectos inovadores. À luz desta imagem, Vasco Mello, presidente do Conselho de Administração da Brisa, a quem coube o encerramento do evento, falou dos vários projectos que ligam a empresa à escola. Não deixou de referir que a sustentabilidade é uma constante preocupação da empresa. A criação de valor é por isso, na sua perspectiva, fundamental para assegurar o sucesso das empresas.



No mais recente laboratório de I&D do ISEL ensaiam-se projectos de electrónica, telecomunicações e computadores

PUBLICIDADE

Um negócio em expansão

O FACTOR inovação é fundamental para quem procura um espaço nos Parques de Ciência ou Incubadoras de Empresas. Na sua maioria, os espaços são criados nos campus universitários, tendo como apoio as Câmaras Municipais e as empresas locais. Verifica-se um aumento crescente na procura desses espaços, por parte de quem quer iniciar uma carreira no campo da inovação tecnológica.

Dirigido essencialmente a professores, alunos, ex-alunos, e mesmo a empresas que queiram alugar espaços, as incubadoras têm mostrado ser um caso de sucesso. Não podemos deixar de considerar que se trata também de um forte impulso para o desenvolvimento de determinadas regiões. Aqui subsiste a razão pela qual a Administração Local está quase sempre por detrás dos Parques Ciência, associada às universidades e politécnicos, fontes geradoras de conhecimento.

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é uma das instituições do ensino superior que rapidamente assumiu estar direccionado para projectos empreendedores. Em directa parceria com a OPEN da Marinha Grande, uma incubadora de empresas, por sinal presidida por um ex-aluno da escola, tem no seu campus uma área de incubação virtual. O espaço integra laboratórios usados para desenvolvimento de projectos tecnológicos, com recurso a equipamentos da escola. A incubação virtual, assim denominada, permite meios que de outra forma trariam custos elevados a uma empresa que opere no ramo da ciência e tecnologia.

A DailyWork, sediada nas instalações da OPEN na Marinha Grande, é um desses exemplos. Ricardo Prata refere que todos os projectos são desenvolvidos nos laboratórios do ISEL, embora a sede, fisicamente, esteja nas instalações da OPEN. A empresa surgiu da colaboração deste ex-aluno e do professor António Serrador, na área da investigação electrónica. Os projectos começaram a brotar e a ideia de agarrar a oportunidade de criar o próprio emprego foi o percurso natural.

Para além da estreita ligação com o ISEL, colaboram directamente com a Universidade de Aveiro, que também alberga um espaço para incubação de empresas. «Os riscos são inerentes, mas é um desafio», afirma convictamente Ricardo Prata, que sem medos abraçou este grande passo na sua vida. Ele garante tratar-se de uma grande responsabilidade, mas contrapõe com a liberdade de acção que têm. Considera que para se ser empreendedor é necessário ser-se dotado de algumas das características que fazem a diferença. «A chave do sucesso tem essencialmente a ver com uma grande dose de persistência, sem nunca pensar em desistir», ideia reforçada por Gonçalo Abreu da empresa Makewise, outro dos casos de sucesso nas boas práticas na criação de empresas.

A empresa Makewise surgiu em 2004, de uma colaboração com a Brisa. O seu principal objectivo passa pela prestação de serviços tecnológicos. O também ex-aluno do ISEL refere que neste momento já tem doze colaboradores, dos quais 90% são quadros técnicos com formação superior. O último grande passo foi a integração da empresa no Grupo Sousa Pedro, o que permitirá trabalhar no sentido de garantir uma presença internacional da sua área de acção. Este passo surgiu da necessidade de em certa altura entrar em redes de cooperação que permitem um fortalecimento de um segmento de mercado com contornos mais amplos.

A continuidade da ligação ao ISEL é assegurada pela assinatura de contratos de colaboração e de prestação de serviços. O objectivo de cooperar em rede, defendido pelos especialistas, é colocado em prática pelos jovens empresários, sempre com o apoio da escola que lhes deu a formação, e a quem eles retribuem com projectos de relevo. Porque, saber fazer, inovar e demonstrar é empreender.

Arquivo *Politecnia*

Makewise (Caldas da Rainha): um caso de sucesso

Poliempreende: IPL lança concurso de ideias

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa vai iniciar com este novo ano lectivo um concurso de ideias, no âmbito do programa nacional dos Institutos Politécnicos do País, com o objectivo de fomentar o empreendorismo nos estudantes e no País e poder contribuir para desenvolvimento nacional com a criação de novas empresas.

Podem concorrer todos os estudantes do Instituto Politécnico de Lisboa, bem como os seus diplomados que estão no mercado de trabalho e todos os docentes ou outras pessoas que queiram formar equipas com os estudantes ou os diplomados.

Neste concurso foi criada uma equipa de representantes de cada uma das escolas do Politécnico de Lisboa com o objectivo de divulgarem e apoiarem todos aqueles que desejarem envolver-se neste projecto. Cada Escola possui deste modo o seu representante que coordenará todo o processo no seu âmbito. A ficha de inscrição encontra-se no site do IPL, bem como o endereço do representante de cada Escola para quem será enviada a ficha.

Este programa que se inicia no dia 1 de Outubro com a sua abertura oficial no Instituto Politécnico de Coimbra, pretende também dinamizar os estudantes de todos os anos para que possam dar um contributo para elevar o nosso país no «ranking» internacional do empreendedorismo, valorizar o seu currículo pessoal e em simultâneo poderem criar o seu próprio auto emprego.

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa que vai também estar envolvido neste concurso de ideias, já começou a dar a sua contribuição ao empreendedorismo, com a sua ligação ao mercado de trabalho, com as inovações tecnológicas que já desenvolveu e com as empresas que tem contribuído para serem criadas pelos seus docentes e estudantes. Recentemente deu mais um passo para que o empreendedorismo se possa desenvolver mais com a relação que estabeleceu com uma incubadora de empresas, a OPEN e onde já tem empresas em incubação virtual. Este concurso de ideias que estamos agora a iniciar pretende dar um contributo para que esse empreendedorismo no ISEL se desenvolva e possa levar mais estudantes e docentes a criarem as suas empresas utilizando os recursos da OPEN, na sua incubação virtual.

O professor Francisco Costa Pereira é o coordenador do programa Poliempreende

Este concurso de ideias pode também receber apoios do IAPMEI, através do programa FINICIA, no âmbito dos acordos estabelecidos entre o IPL e o IAPMEI. Este programa de financiamento alargou recentemente a sua base de apoio e pode efectuar financiamentos no âmbito do micro crédito, desde que considere que as ideias estejam bem consubstanciadas no seu plano de negócios.

Para este plano de negócios o programa Poliempreende prevê um conjunto de formações que permite aos participantes do concurso aprofundarem os seus conhecimentos sobre o empreendedorismo e a criação de empresas, bem como a elaboração do plano de negócios para a sua ideia. Todos os participantes que conseguirem chegar à fase final de criação da sua empresa terão um tutor que o apoiará na elaboração do seu plano de negócios de modo a que possa materializar a ideia num negócio de sucesso.

Um outro objectivo que se pretende com este concurso de ideias no Instituto Politécnico de Lisboa é que possam existir cruzamentos de sinergias entre as várias Escolas aproveitando os seus saberes através das complementaridades que se possam criar. Os gestores do ISCAL com os técnicos do ISEL, da Tecnologia de Saúde e das restantes Escolas, naquilo em que consiga obter mais-valias com os conhecimentos conjunto para a criação de um determinado negócio.

Este concurso de ideias materializa-se num concurso regional para os projectos de negócio que forem considerados viáveis onde serão atribuídos prémios monetários aos três melhores projectos (1.º 2000€; 2.º 1500€; 3.º 1000€) seleccionados por entidades nacionais relevantes do sector, bem como pelas empresas patrocinadoras dos prémios. Os três projectos premiados em cada Instituto Politécnico do País serão presentes a um concurso nacional onde serão escolhidos os três melhores com prémios monetários (1.º 10000€; 2.º 5000€; 3.º 3000€) que podem ser acumulados com os regionais.

Uma best-seller no IPL

Isabel Alçada com o prémio Nobel, Gabriel García Márquez, em Cartagena das Índias

Isabel Alçada
A embaixadora da leitura

Aplaudida por milhares de jovens como autora da Colecção Uma Aventura…, da Caminho, que obteve sucessos editoriais repetidos e sem precedentes, Isabel Alçada é, para além de escritora, professora da Escola Superior de Educação de Lisboa. Mulher de convicções, aceitou sem hesitação o desafio de se assumir publicamente como cabeça de cartaz do ambicioso projecto de fomentar hábitos continuados de leitora entre os portugueses. É a Comissária do Plano Nacional de Leitura, em quem mil esperanças se depositam.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Pedro Pina

O SONHO de ser aviadora não chegou a ser concretizado. Isabel Alçada, pragmática como sempre tem sido ao longo da vida, desistiu da ideia quando o pai lhe recusou o brevet. Hoje diz que a circunstância de se ter tornado numa professora e escritora de êxito foi o reflexo de uma infância feliz: Os seus livros marcam já, de forma definitiva, a História da Literatura infantil e juvenil em Portugal. A sua longa e variada experiência educativa e o talento para comunicar com os mais novos são os ingredientes do sucesso.

Com apenas 18 anos casou e foi mãe de uma menina, que mais tarde lhe deu dois netos. Do segundo casamento, agora com Rui Vilar, actual presidente da Fundação Gulbenkian, ganhou mais três filhos e sete netos, que a tratam como se fosse mãe e avó de sangue. E tudo isso faz com que, aos 58 anos, se considere uma mulher feliz e realizada.

Isabel licenciou-se em Filosofia, mas hoje, se pudesse voltar atrás, optaria por estudar História. Professora na Escola Superior de Educação de Lisboa, deixou de dar aulas para assumir o cargo de Comissária do Plano Nacional de Leitura. Assumido como uma prioridade política, o projecto, que existe há dois anos, pretende elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar Portugal ao lado dos países europeus. Numa iniciativa em que o sucesso depende da intervenção de todos e de cada um, Isabel Alçada tem a responsabilidade de con-

Enquanto comissária do Plano Nacional da Leitura empenha-se em transmitir o prazer e o gosto pela palavra escrita

seguir que os portugueses consigam lidar, em qualquer situação, com a palavra escrita. Seja na interpretação da informação que lhes chega através dos Media, seja no acesso ao conhecimento da Ciência ou na leitura das grandes obras da Literatura. Encarado como um desígnio nacional, o PNL é da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do ministro dos Assuntos Parlamentares.

A vida intensa que leva e uma memória muito viva de infância fazem dela uma excelente contadora de histórias. Alguns dos episódios mais marcantes da sua vida já serviram de inspiração para os livros que escreve. É co-autora da colecção Uma Aventura…, que iniciou há 26 anos com Ana Maria Magalhães, e que em Portugal já vendeu 7 milhões de exemplares. Foi um projecto comum que cresceu com os anos e com o entusiasmo dos leitores. A obra tem influenciado gerações e conquistado os jovens para a leitura. As gémeas Teresa e Luísa, o Pedro, o Chico, o João e o pastor alemão Faial, são personagens principais das 50 aventuras já publicadas. Os enredos, cheios de emoção e mistério, passam-se maioritariamente em Portugal, mas as ilhas da Madeira e dos Açores e alguns países dos quatro continentes já foram, também, cenários. Através da sua obra, as duas escritoras dão a conhecer tradições, monumentos, culturas e hábitos locais.

Geralmente é em casa de Ana Maria Magalhães que ocorre o brainstorming, do qual resultam as ideias para os livros. Depois de definirem o local da próxima aventura, elaboram um plano de trabalho. Por norma, visitam sempre os lugares onde se passam as histórias. E no regresso sentam-

Mãe liberal, avó radical

ELECTRICISTA amadora, Isabel é sempre voluntária para reparar uma tomada ou um interruptor em casa da filha, Vera. Sempre disponível para ajudar, cultiva uma relação muito próxima com ela e com os netos, Bernardo e Gonçalo, de 14 e 12 anos. Habituados a ter uma avó jovem, os rapazes já a ensinaram a andar de patins em linha.

Isabel preocupa-se com a vida escolar dos netos e adora ir buscá-los à escola. Em sua casa, Bernardo e Gonçalo sabem perfeitamente onde é a Gaveta das Guloseimas, sempre recheada de chocolates e os rebuçados – uma tradição que herdou do pai.

Praticamente, todos os dias, a escritora fala ao telefone com a irmã e os sobrinhos, habituada que está, desde os 18 anos, ao papel de mãe. É uma compensação para o facto de ter desistido de ter mais filhos por razões de saúde. Ainda pensou em adopção, mas nunca concretizou esse projecto. O primeiro casamento tinha durado quinze anos em que após o divórcio, mãe e filha passaram a viver sozinhas, o que não impedia que a casa estivesse sempre cheia de gente.

Ela e a filha sempre cultivaram uma relação de grande cumplicidade; passavam horas à conversa, trocavam livros e, quando se fartavam disso, mudavam os móveis de lugar. Um dia, sozinhas, viajaram até Itália, onde permaneceram um mês, descobrindo sítios e visitando amigos.

Mãe muito liberal, a filha, na adolescência, não tinha horas marcada para chegar a casa. A educação baseou-se sempre na confiança, sem mentiras. Vera é a sua fã n. º 1. No momento em que começou a ler os livros da mãe, percebeu que eles reflectiam em muitos aspectos a vida que ambas tinham vivido. Ainda hoje algumas histórias da filha servem de inspiração para o seu trabalho. Uma Viagem à Tailândia é o melhor exemplo.

Nos tempos livres com os netos Bernardo e Gonçalo

Apaixonada pelo campo transmitiu esse gosto à filha, agora com 38 anos, que se licenciou em Engenharia Agrícola, embora exerça hoje funções no Gabinete de Empresas da Caixa Geral de Depósitos.

Vera ainda recorda, com saudade, o tempo em que a mãe lhe lia histórias todas as noites, e contavam aventuras dos reis e rainhas de Portugal.

Amante do desporto, Isabel Alçada praticou várias modalidades, desde os quatro anos de idade, e chegou a ganhar uma medalha numa prova de natação, na classe de mariposa. Aprendeu a nadar nas Férias Grandes, na piscina da Praia das Maçãs. Experimentou voleibol; basquetebol e ginástica desportiva, em paralelas e barra. E diz-se sportinguista, por causa do pai, fundador do Clube Atlético de Alvalade.

Fascinada pelo mar, promete ainda este ano experimentar surf com o neto mais velho e diz ter pena de não ter nascido mais tarde. Em pequena deixava-se ir ao sabor das ondas, só para sentir a adrenalina. E quando faz patins em linha com o neto mais velho usava botas dele.

se à mesa e dão asas à imaginação. Quando estão em desacordo, procuram encontrar uma ideia que agrade a ambas. O tempo de escrita de um livro varia bastante, podem levar entre um a cinco meses.

Em Uma Aventura no Alto Mar, o último livro publicado, já este ano, os leitores viajam até a Antárctida, para conhecer o trabalho de investigação de uma equipa de cientistas portugueses. As escritoras recorreram a filmes, diários, fotografias.

No papel de escritora de sucesso, Isabel Alçada nunca se armou em estrela. Nas escolas e bibliotecas, nos constantes e inúmeros encontros com os fãs, nunca vira a cara às objectivas. Sempre com um sorriso, é capaz de autografar 400 livros, se lho pedirem. Adapta-se com bastante facilidade, a diferentes pessoas e situações, o que leva Ana Maria Magalhães a dizer que se perdeu »uma grande embaixadora».

Após longas horas de trabalho no Plano Nacional de Leitura e na escrita, ainda tem coragem para vestir traje de gala e acompanhar o marido nos acontecimentos sociais para que são solicitados.

Isabel Alçada, a em

Memórias de uma me

A escritora Isabel Alçada não se recorda de existirem outros escritores na família, mas os livros sempre foram uma presença muito forte lá em casa. Todas as noites o pai, João Veiga, engenheiro, lhe lia histórias em voz alta. O momento era ansiosamente aguardado por ela. E em casa da família não havia livros proibidos. Ainda hoje se recorda de ter lido O Crime do Padre Amaro com a permissão do pai.

Alfacinha de gema, nasceu a 29 de Maio de 1950, sendo a mais velha de três irmãs A família vivia num apartamento em Alvalade, construído pela empresa de construção civil do pai. Guarda uma ideia de felicidade. As férias de Verão eram passadas com os primos e tios, em São Martinho do Porto ou na Praia das Maças. Faziam as sestas no terraço, a ver o sol atravessar os chapéus de palhinha, antes de adormecerem. Queriam crescer depressa, para poder partilhar com os adultos a alegria e as risadas que ecoavam no 1º andar, onde a sesta era obrigatória. Tinha 12 anos quando se deu um terrível incêndio na Serra de Sintra. Sempre pronta para ajudar, ela e os primos tentaram, sem avisar os pais, chegar aos bombeiros que apagavam o fogo para lhes entregar o farnel que tinham preparado. Mas a missão falhou e ainda valeu uma bofetada da mãe, aflita.

A vocação para a escrita não passou despercebida à professora da Escola Primária, que escolheu entre muitas a sua composição que retratava a coragem de D. Filipa de Vilhena em armar os seus dois filhos cavaleiros. Mãe galinha, hoje diz-se incapaz de imitar o gesto.

Mais tarde, aos 12 anos, inventava histórias que depois passava para o papel, para adormecer a irmã mais nova no período de convalescença de uma maleita. Era a época em que escrevia no seu Diário poemas e histórias de amor.

O pai foi um dos responsáveis por algumas das grandes obras públicas da época, entre as quais a primeira auto-estrada, o Estádio Nacional e o Metropolitano de Lis-

baixadora da leitura

nina bem comportada

boa. A mãe, Maria Hermínia Veiga, Mimi, não trabalhava mas tinha um enorme talento para a costura. Fazia questão de desenhar os moldes dos vestidos para as três filhas, que uma costureira depois confeccionava. Era uma senhora, daquelas que não saiam à rua sem se arranjar a rigor. Ainda viva, sofre hoje de Alzheimer.

No mundo maioritariamente feminino em que vivia, herdou do pai muitas das suas características, a começar pela alegria de viver. Era homem capaz de levar a família a tomar banhos de mar no Inverno. Comunicativo e brincalhão, surpreendia a família com os malabarismos que fazia com ovos. Enquanto educador, aplicava-

A vocação para a escrita não passou despercebida à professora da Escola Primária

lhes castigos divertidos e originais, como o daquele dia em que foi obrigada, com a irmã, a jantar na casa de banho. Disciplinador, tinha o hábito de lhes cheirar as mãos à mesa, para verificar se estavam bem lavadas. Aprendeu com ele que nem sempre devemos ter a pretensão de ser os melhores, porque a inveja, traz problemas. Depois da sua morte, Isabel assumiu o seu papel na família. E hoje não hesita em fazer o pino em frente dos netos, se lhe apetecer. Aos domingos reúne a família em Calamares, Sintra, na casa-refúgio dos fins-de-semana, E faz questão de ser ela própria – que quando casou não sabia cozinhar – a ensaiar receitas rebuscadas, muitas das quais inspiradas na comida que a mãe fazia. É também em Sintra que pratica um dos seus passatempos preferidos: a jardinagem.

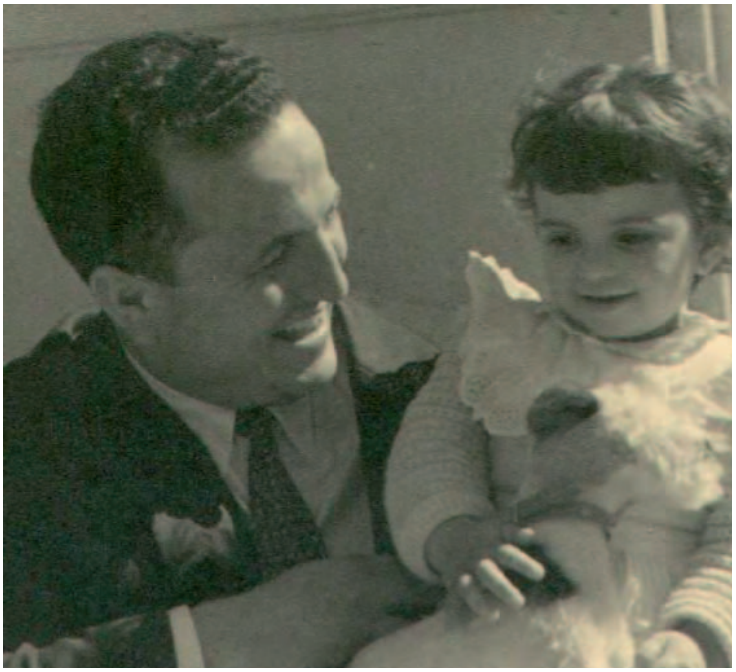
Isabel frequentou o Liceu Charles Lepierre até concluir o ensino secundário. No primeiro dia de aulas, constatou com espanto que falavam uma língua diferente da que conhecia. Valeu-lhe a colega de carteira, a Fifas, que ia traduzindo o que os professores diziam. Mas aos 6 anos já falava francês… Ainda recorda o dia, na 2.ª classe, em que se irritou e atirou um saco de berlindes à cabeça do Alan, o mau da turma, que lhe estava a pedir namoro.

Aos oito anos recebe o *Prix d' Excellence* no Liceu Francês

Tornou-se católica por influência dos pais do jornalista Jorge Wemans – actual director da RTP-2 – vizinhos da família, e fez a Primeira Comunhão. Todos os domingos ia à missa e chegou mesmo, aos 14 anos, a ser catequista na Igreja São João de Brito.

Pelo seu excelente desempenho no Liceu Francês, foi distinguida com o «Prix d' Excellence». Da cerimónia, no Teatro São Luiz, recorda o vestido de fazenda que lhe picava as pernas e de um frio que sentiu ao subir ao palco para receber o livro Os Desastres de Sofia, da Condessa Ségur, que nessa noite, leu de fio a pavio.

Isabel Alçada com um ano de idade ao colo da mãe



Aos dois anos com o pai, João Veiga

Boa aluna, confessa que perdeu a conta das vezes em que fez os trabalhos de casa na camioneta que a levava ao Liceu. Era muito namoradeira, às escondidas do pai, como não podia deixar de ser, tendo normalmente dois namorados por época.

Não havia imagens ou gravuras que superassem o modo sui generis como a professora Alice Gomes ensinava História de Portugal. Recorrendo à imaginação, ela levava os alunos a viajar no tempo e no espaço. Hoje diz que o seu amor pela História se deve muito a ela. Talvez por isso tenha publicado livros que dão a conhecer personagens doutras eras. A edição não passou despercebida aos historiadores Luís de Albuquerque e José Mattoso, que desafiaram as escritoras a publicarem com eles a História dos Descobrimentos Portugueses e alguns dos episódios mais relevantes da História de Portugal. E a ideia prolongou-se no tempo, superando mesmo o desaparecimento de Luís Albuquerque. «A Fuga da Corte para o Brasil» é o tema do livro que neste momento estão a preparar.

Documenta-se sempre sobre os locais acerca dos quais escreve e para onde viaja. Prefere aqueles onde os portugueses deixaram marcas, como a colónia de Sacramento, no Uruguai, cenário de confrontos com a Espanha. Já em pequena, nas viagens em família, ouvia atentamente as explicações do pai sobre os monumentos históricos. Gosta da Índia, onde já foi três vezes, e tem Angola e Moçambique na lista de espera. E gostava de visitar, na Etiópia, as igrejas escavadas na Rocha de Lalibela.

Isabel Alçada licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras de Lisboa, mas primeiro frequentou o curso de Germânicas. Foi o livro A Crítica da Razão Pura, de Kant, que a fez mudar de ideias. Chegou a dar explicações de Filosofia em casa. No papel de professora do Ensino Preparatório, preferiu sem-

Praticante da mariposa, ganhou várias medalhas a nadar na piscina da Praia das Maçãs

Aos oito anos na praia das Maçãs

Aos 16 anos em férias grandes no Algarve

pre ensinar História. Frequentou o mestrado em Ciências da Educação. na Universidade de Boston, e no regresso começou a carreira de docente na Escola Superior de Educação de Lisboa, onde ainda hoje exerce funções. Lá leccionou as disciplinas de Sociologia da Educação, Intervenção Educativa e Manifestações Culturais Contemporâneas.

Nem sempre a vida lhe sorriu. Sofreu muito com o suicídio da irmã mais nova, que era médica. Mas conseguiu não entrar em depressão, retomando a sua actividade profissional.

Desinibida, a dança sempre foi uma paixão, dedicando-se sobretudo ao rock-and-roll e ao twist. Hoje, não frequenta discotecas porque não suporta o excesso de barulho, mas confessa que em casamentos e festas sociais, com o marido, é a primeiro a abrir o baile e a última a sair.

Em casamentos e festas sociais, com o marido, é a primeiro a abrir o baile e a última a sair

Melómana, é frequentadora assídua de concertos de música clássica. Faz sempre questão, em Agosto, de ir ao Festival de Salzburg, na Áustria. Adora chá e não dispensa os biscoitos de coco. E gosta do cheiro do tabaco bom, embora já não fume. Em tempos experimentou cigarros de mentol que, nas tardes de escrita saboreava, mas desistiu deles por causa dos protestos de Ana Maria Magalhães.

Habituada desde pequena a contactar de perto com animais, na quinta dos tios-avós, no Cartaxo, não tem medo de bichos, à excepção dos ratos. Sempre teve muitos gatos. E um cão, Epanhol Breton, que morreu para seu grande desgosto. Recorda-se de correr atrás das galinhas na capoeira. E um dia, com a prima Madalena, encheu o tanque de rãs pregando um grande susto às mães.

No dia em que foi agraciada pelo Presidente da República, Jorge Sampaio com o Grande Colar da Ordem do Infante D. Henrique, acompanhada pelo marido, Emílio Rui Vilar

Isabel Alçada, a em

Viver dentro dos

Isabel Alçada e Ana Magalhães numa aventura no deserto

A escritora Isabel Alçada encara a vida como uma aventura prolongada, arriscando incursões no desconhecido e assumindo com destemor as surpresas que a ousadia de viver dentro dos livros lhe proporciona. Diz não ter medo de nada e conseguir manter a calma mesmo em situações perigosas. Adora viajar de avião e nem a maior das turbulências é capaz de a assustar. Optimista, acaba por ser a companhia ideal para pessoas mais ansiosas, como Ana Maria Magalhães, co-autora da colecção «Uma Aventura», da Editorial Caminho, que a conhece há mais de vinte anos e com quem já passou, em diversas ocasiões, momentos complicados.

Na preparação do livro «Uma Aventura no Deserto», as escritoras viram o caso mal parado quando atravessavam de carro as areias escaldantes do deserto e ficaram sem orientação, a 600 quilómetros do destino. Com o medo a instalar-se e a dominar-lhe os sentidos, Isabel optou por se deitar no banco de trás, em silêncio, fingindo que não se passava nada, até a rota ser retomada, a tacto, e o destino alcançado.

De uma outra vez, na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, foram apanhadas de surpresa pelo rabo de um tufão, que as isolou durante 24 horas numa casa, sem telefone nem presença humana por perto. Consciente de que a situação se poderia prolongar por vários dias, Isabel refugiou-se no quarto a ler um livro.

As duas escritoras conheceram-se na Escola Fernando Pessoa, em Lisboa, onde leccionavam já lá vão 32 anos. «Foi o início de uma amizade que ainda hoje se mantém» diz Ana Maria Magalhães e confirma Isabel Alçada.

baixadora da leitura

livros de aventuras

Nesse ano de 1976, Isabel Alçada tinha 26 anos e Ana Maria Magalhães 30, sendo ambas professoras estagiárias das disciplinas de Português e História do 2º ciclo. As semelhanças entre as suas vidas aproximaram-nas ainda mais depressa: apesar de não se terem conhecido antes, tinham ambas feito Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa; casado cedo e tido filhos ao mesmo tempo; crescido na mesma zona da cidade; e pertencido a famílias muito parecidas e numerosas, onde a alegria e o convívio era uma constante.

Durante quatro anos preparavam em conjunto as aulas e os testes e elaboravam textos originais para os alunos. Uma dessas histórias, redescoberta no fundo de uma gaveta, foi mais tarde o pontapé de saída para o livro Viagem ao Tempo dos Castelos, da colecção Viagens no Tempo.

Numa quarta-feira de Janeiro de 1982, Isabel Alçada, depois de um almoço em casa dos pais, em Alvalade, desafiou Ana Magalhães a escreverem com ela um livro. Três meses e meio depois surgia Uma Aventura na Cidade, o primeiro livro da nova colecção. A escusa de três editoras levou Ana Maria Magalhães a pensar que o melhor seria desistirem, mas a persistência e o optimismo de Isabel Alçada levou-as a bater à porta à Editorial Caminho, que dava os primeiros passos e logo acolheu o projecto.

As duas escritoras na Quinta das Lágrimas, em Coimbra

Era o início da carreira de escritoras para as jovens professoras, que estavam longe de imaginar o sucesso que as suas histórias iriam ter junto de milhões de leitores.

Numa subida à ilha do Pico nos Açores

Na descoberta aos mistérios e encantos do Palácio de Versailles

Educando para o futuro... global

Escola Superior de Educação presente em quinze países

São já vinte e seis os acordos bilaterais de cooperação assinados pela Escola Superior de Educação de Lisboa, que foram aplicados e estão em vigor em quinze países. Diversificar os parceiros Erasmus, em termos de países e de instituições, adequando-os à nova formação oferecida pela escola do IPL é o objectivo.

Textos de Carla Ruivo

A azul, a mancha de países parceiros Erasmus da ESELx, em 2008/2009

A ESCOLA Superior de Educação de Lisboa, dando cumprimento à sua política de internacionalização e, nomeadamente, à sua estratégia europeia, tem como objectivo principal implementar e reforçar (duas dimensões de intervenção) a internacionalização da formação e a internacionalização das práticas investigativas. E isso, não apenas no âmbito da Educação, mas, também, da Animação Sociocultural e da Formação de Educadores e Professores.

O Ensino Superior tem, como se sabe, um papel decisivo na formação de recursos humanos de alta qualidade, nomeadamente no âmbito da Educação. É através deles que se criam cadeias de valor, que disseminam o conhecimento avançado, adaptadas às necessidades emergentes. E isso aplica-se à aquisição de novas competências e qualificações, que preparam as futuras gerações para intervirem num contexto globalizante.

A cooperação internacional e a mobilidade constituem-se como dois dos pilares da política de internacionalização: A ESELx participa, regularmente, em acções de cooperação internacional e em projectos europeus de cooperação e mobilidade em educação.

Esses programas têm como finalidade a construção de uma «Europa do Conhecimento». O cumprimento

INSTITUIÇÃO	País
Pedagogische Akademie des Bundes in Tirol	Áustria
Hochschule Esslingen	Alemanha
Vrije Univisitaitei Brussel	Bélgica
Katholieke Hogeschool Kempem	Bélgica
Kahles Seminarium Education College	Dinamarca
University of Maribor	Eslovénia
University of Ljubliana	Eslovénia
University of Koper	Eslovénia
Universidad de Castilla-La Mancha	Espanha
Universidad de Extremadura	Espanha
Universitat Autonoma de Barcelona	Espanha
Universidad de Granada	Espanha
Universidad de Santiago de Compostela	Espanha
University of Helsinki	Finlândia
IUFM Nord/Pas-de-Calais	França
IUFM de Versailles	França
Università degli Studi di Milano-Bicocca	Itália
Hogeschool Drenthe	Holanda
Hogeschool Rotterdam	Holanda
University of Hague	Holanda
University of Szeged	Hungria
Oslo University College	Noruega
Universidade Marie Curie	Polónia
University of Vicent Pol	Polónia
University of Greenwich	R.Unido
University of West Bohemia	Rep. Checa

Acordos Bilaterais celebrados pela Escola Superior de Educação de Lisboa, no âmbito do projecto de internacionalização, a vigorar no ano lectivo 2008/2009

No âmbito dos 26 acordos, celebrados pela Escola Superior de Educação, os estudantes vivem experiências em 15 países europeus

desse objectivo passa pela troca de estudantes e professores, a realização de projectos conjuntos, o desenvolvimento de redes temáticas para elaboração de estudos e a disseminação das boas práticas.

A Escola Superior de Educação de Lisboa engloba e sintetiza uma herança centenária, sempre na vanguarda da formação de profissionais de qualidade ligados ao ensino e à educação. O lema que preside à sua actividade é «Educando para o futuro». Nesse quadro encontramos implícita uma visão mais ampla – «Educando para o futuro... global» – que se depreende da sua estratégia de internacionalização, e se afigura como condição primordial para se afirmar, num Espaço Europeu de Ensino Superior, no Século XXI.

Os países europeus têm intensificado a cooperação entre si, tanto ao nível económico como científico. Desta forma, o intercâmbio de estudantes é encarado como elemento-chave de uma estratégia. O objectivo a longo prazo é alcançar uma sociedade multinacional e pluridisciplinar, politicamente estável, economicamente competitiva e cientificamente avançada.

A mobilidade de estudantes e docentes realizada na ESELx enquadra-se, principalmente, no Programa Erasmus. È, como se sabe, um projecto sectorial relativo ao Ensino Superior, que faz parte do Programa Aprendizagem ao Longo da Vida, lançado pela Direcção-Geral de Educação, Formação e Juventude da Comissão Europeia. O Erasmus procura dar ênfase à qualidade e reforçar a di-

mensão Europeia do Ensino Superior. Através dele promove-se a cooperação transnacional entre as universidades, fomentando a mobilidade europeia e incentivando a transparência e o total reconhecimento académico dos estudos e das qualificações em toda a União Europeia. Ele tem sido (continua a ser) um elemento impulsionador da mudança no Ensino Superior europeu. Já contribuiu para renovar os sistemas europeus, inspirando o Processo de Bolonha, iniciativa de vulto destinada a simplificar os diferentes sistemas, que actualmente se estende a 45 países.

Tendo em conta as determinações da Declaração de Bolonha, o incremento da acção internacional, principalmente no que diz respeito à mobilidade, é um dos principais vectores da política internacional da ESELx. A mobilidade de estudantes e docentes tem sido um factor conducente à concretização da dimensão europeia do processo de ensino/aprendizagem.

A utilização do sistema ECTS, em todos os cursos, e o total reconhecimento académico dos Planos de Estudos efectuados em estabelecimentos de acolhimento, são duas áreas que marcam o aumento da qualidade da mobilidade onde a ESELx pretende continuar a investir. A escola participa no Programa Erasmus desde o início da década de 90, tendo, desde logo, como objectivos gerais apoiar e reforçar a realização pessoal, a coesão social, a cidadania activa e a cidadania europeia. E, ainda, promover a criatividade, a competitividade, a empregabilidade, a aprendizagem e a diversidade das línguas.

O número de estudantes e docentes em mobilidade, quer incoming, quer outgoing, tem vindo a crescer, nos últimos anos lectivos. Esse crescimento traduz o apoio e interesse que os diversos órgãos da Escola Superior de Educação de LIsboa têm dedicado à questão da internacionalização e mobilidade. E também, o crescente interesse dos estudantes.

E elemento igualmente importante de referir no crescimento da mobilidade e na adequação dos destinos oferecidos aos estudantes da Escola Superior de Educação de Lisboa, (tanto dos cursos anteriores como posteriores ao Processo de Bolonha) é a crescente diversificação de acordos bilaterais estabelecidos e assinados com instituições congéneres.

Rumo à Europa do Conhecimento

OS PROJECTOS internacionais de investigação, cooperação e mobilidade têm como finalidade a construção de uma Europa do Conhecimento. Eles concretizam-se através do financiamento de mobilidade de estudantes e docentes; da investigação conjunta, em áreas como o desenvolvimento curricular, a facilitação do reconhecimento académico ou a introdução do estudo da cidadania europeia na educação básica; e no desenvolvimento de redes temáticas para elaboração de estudos e disseminação de ideias e boas práticas.

No âmbito da sua estratégia Europeia, a Escola Superior de Educação de Lisboa participa regularmente, através de docentes dos diferentes departamentos, em projectos europeus de cooperação em educação. Nos últimos anos lectivos, estiveram em evidência os que o quadro à direita mostra.

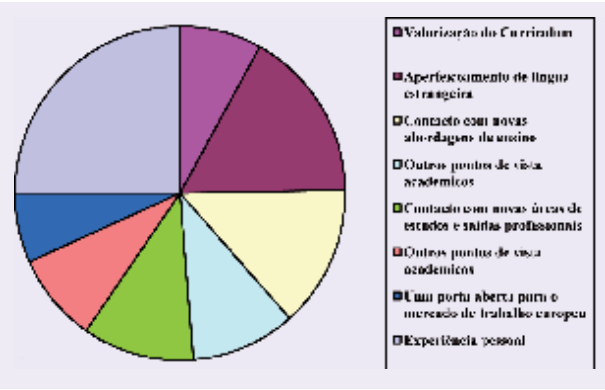
A Escola Superior de Educação de Lisboa, à semelhança das outras unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Lisboa, respondeu de forma responsável e atempada aos desafios colocados por Bolonha. Contas feitas, conseguiu-se apresentar projectos de reestruturação dos cursos com um nível muito elevado de qualidade, no contexto que foi definido para o Instituto Politécnico de Lisboa. E no caso das adequações do 1.º ciclo, com a duração de três anos, poder-se-á dizer que esse esforço foi recompensado com a aprovação de todos os cursos apresentados.

Tipo de Programa Projecto	Organização Coordenadora	Países Participantes
Sócrates/Comenius 2.1	ESELx Portugal	Portugal, Irlanda, Alemanha, Itália, Escócia, Noruega, República Checa
Sócrates/Comenius 2.1	IUFM Nord-Pas-Calais França	França, Portugal, Alemanha, Chipre, Turquia, Bulgária, Itália, Alemanha e Roménia.
Leonardo Da Vinci	CIECA – Universidade Lusofona Portugal	Portugal, Itália, Áustria, Bulgária e Polónia
Sócrates/Medida de Acompanhamento	Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti (CIID) Itália	Itália, Portugal, Reino Unido
Leonardo Da Vinci - Mobilidade	ESELx Portugal	Portugal, Espanha
Leonardo Da Vinci - Mobilidade	ESELx Portugal	Portugal, Reino Unido
Sócrates/Medida de Acompanhamento	Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti (CIID) Itália	Itália, Portugal e Escócia.
Sócrates /Erasmus Network	University of Hamar Noruega	116 instituições de 29 países
Alfa	University of Granada - Espanha	Portugal, Espanha, México, Brasil e Argentina
Sócrates /Comenius 2.1	University of Szeged Hungria	Hungria, Portugal, Áustria
Sócrates /Comenius 2.1	Direzione Scolastica Regionale della Lombardia Milão- Itália	Itália, Suécia, Portugal, França, Reino Unido, Roménia, Suíça (parceiro silencioso)
Sócrates /Comenius 2.1	Hedmark University College Noruega	Portugal, Lituânia, Islândia, Estónia, Suécia, Reino Unido.
Sócrates /Comenius 2.1	Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti (CIID) – Itália	Itália, Portugal, Reino Unido
Sócrates /Lingua	Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti (CIID) – Itália	Itália, Portugal, Reino Unido
Sócrates /Língua	Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti (CIID) – Itália	Itália, Portugal, Reino Unido

O balanço dos estudantes

O BAPTISMO do programa é uma homenagem ao filósofo, teólogo e humanista holandês Erasmus (1465-1536). Adversário persistente do pensamento dogmático em todos os campos humanos, Erasmus, originário de Roterdão, viveu e trabalhou em diversas regiões da Europa, na procura do conhecimento e experiência que apenas o contacto com outros países lhe poderia proporcionar. E são esses, ainda hoje, os grandes proveitos que os estudantes retiram desta experiência.

Os alunos da Escola Superior de Educação de Lisboa que viveram um período de mobilidade, apontam, nos seus relatórios de autoavaliação final, os factores abaixo indicados como as principais mais-valias da sua participação no programa.



Cooperação com países da CPLP

A ESCOLA Superior de Educação de Lisboa desenvolve uma ampla cooperação com instituições da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, no campo da formação de professores e formadores, análise e avaliação, planificação e organização curricular.

Nos últimos anos foram muitos os projectos e actividades desenvolvidas. Um deles foi a assistência técnica à Formação Contínua de Professores do Ensino Primário em Angola, que decorreu entre 2003 e 2005. Foi realizado em colaboração com a CESO (Consultores Internacionais) e envolveu professores de várias áreas científicas. Ainda em Angola, decorreu de 2005 a 2006 um programa de desenvolvimento de competências de literacia para adultos profissionais, envolvendo dois professoras da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Em Cabo Verde, a escola participou, no ano 2000, num projecto de análise e avaliação da situação do Pré-escolar, iniciativa do Ministério da Educação, Ciência, Juventude e Desporto cabo-verdiano, apoiada pela Fundação Gulbenkian. E colaborou, entre 2004 e 2007, com o Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais, na definição e orientação das disciplinas de formação inicial naquele país.

A São Tomé e Príncipe deslocaram-se, em 2000, três professores da escola, no âmbito de um protocolo estabelecido com a empresa Partex, para prestação de serviços no domínio da educação. E nesse mesmo ano deslocaram-se a Timor-Leste professores de diversas áreas científicas, no âmbito de um Programa de Formação de Formadores do Ensino Primário.

Timor-Leste beneficiou ainda, de 2002 a 2004, da presença de uma professora da Escola Superior de Educação de Lisboa, ali desenvolveu acções de formação para os professores portugueses presentes no território, numa cooperação com a Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e o Gabinete de Assuntos Europeus e Relações Internacionais. E a escola colabora ainda, desde 2001, através de outra professora, na preparação e elaboração de manuais escolares, destinados às crianças, numa iniciativa da Fundação Gulbenkian.

Neste momento decorre, desde 2007, na Universidade de Cabo Verde, em parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa, um Mestrado em Educação Especial. E a escola aguarda a aprovação do Projecto Edulink, cuja candidatura foi apresentada à Comissão Europeia em Julho 2008. O Projecto Edulink visa estimular a capacidade institucional e a integração regional no domínio do ensino superior nos Estados e Regiões ACP, assim como promover o ensino superior como um meio para reduzir a pobreza.

Além da Escola Superior de Educação de Lisboa, estão envolidas neste projecto a Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, a Universidade de Cabo Verde; Universidade Nacional de Timor Lorosa e, a Universidade Pedagógica de Maputo e o Instituto Politécnico de São Tomé e Príncipe.

Redescobrir Luís de Freitas Branco

Embora a edição de livros de música em Portugal seja escassa, mesmo comparada com a Espanha, tem-se assistido, no início deste séc, XXI, a um aumento significativo do número de livros disponíveis no mercado. É particularmente importante a obra dedicada a Luís de Freitas Branco, mas há vários outros a redescobrir, de Olga Prats a Emanuel Nunes.

Texto de Sérgio Azevedo

ATÉ RECENTEMENTE, apenas a Editorial Caminho e as Edições 70 (se exceptuarmos algumas outras, poucas, editoras de menor relevo), faziam constar do seu catálogo colecções dedicadas à arte dos sons. E destas duas editoras, apenas a Caminho apostou, na sua maior parte, em títulos originais de autores portugueses.

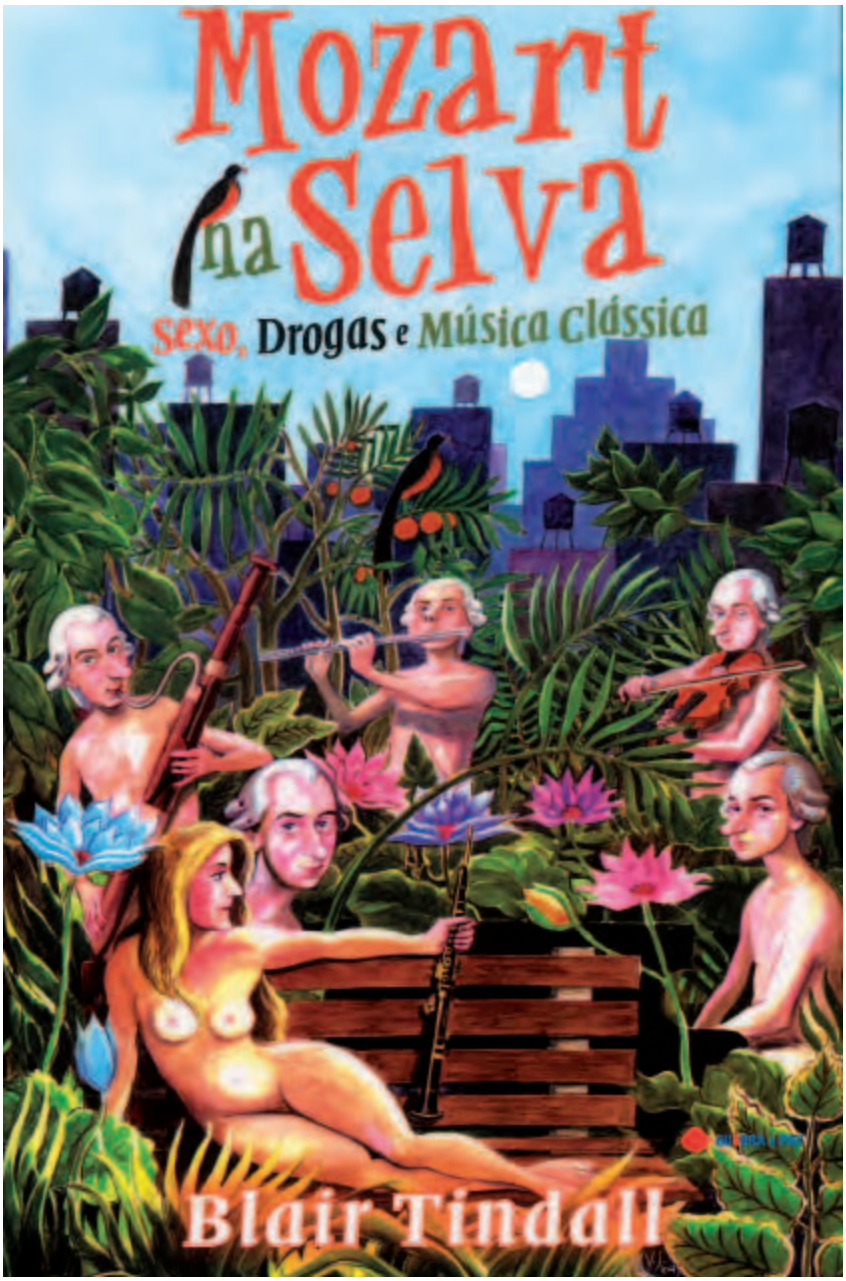
Foi esta editora que lançou, em Maio de 2007, na sua colecção «Caminho da Música», um importantíssimo volume dedicado ao compositor Luís de Freitas Branco, da tríplice autoria de Alexandre Delgado, Ana Telles e Nuno Bettencourt Mendes. Compositor, pianista e musicólogo uniram-se para produzir um livro de 477 páginas que analisa a obra peça a peça, lado a lado com uma resenha biográfica notável e muito completa. Sendo o primeiro livro monográfico de alguma importância alguma vez dedicado ao compositor, não poderá ser considerado definitivo (esperemos que não!), mas será decerto referência obrigatória para quaisquer trabalhos futuros. 52 anos (!) depois da morte deste grande vulto da nossa música, eis finalmente a tão merecida publicação.

Mais recentemente, a novel editora Bizâncio tem-se distinguido pela sua colecção de biografias (a partir da qual iniciou um sub-género dedicado a compositores: Chopin, Beethoven, Mozart e Mahler até ao momento), à qual se juntou recentemente Olga Prats – Um Piano Singular (Maio 2007), já mencionado na revista Politecnia. Fora destas colecções mas ainda dedicado à música, deu-nos a Bizâncio a recentíssima História Concisa da Música Ocidental (Setembro 2007) do reputado musicólogo inglês Paul Griffiths. Último livro deste autor até à data (original inglês de 2006), nele Griffiths «resume» brilhantemente mais de 1000 anos de música erudita ocidental, depois de em livros anteriores (nenhum deles – infelizmente – já vertido para português) se ter dedicado à música dos séculos XX e XXI. O conceito de «tempo», essencial na arte dos sons, é o conceito unificador de todo o livro. Temos assim «O tempo uno», «O tempo medido», «O tempo sentido», e por aí adiante, até a «O tempo perdido», que trata a música composta desde 1975 até ao presente e em direcção ao...futuro.

Ainda dentro dos livros originais portugueses sobre música, e depois de uma atribulada «carreira» à procura de um editor desde inícios dos anos 90, surge-nos, com a coordenação de Manuel Pedro Ferreira, o livro Dez Compositores Portugueses, da Dom Quixote. Dez nomes importantes da modernidade musical portuguesa, de

Luís de Freitas Branco a Emmanuel Nunes, são dissecados através da análise de uma obra específica, recorrendo a nomes como Jorge Peixinho, Christopher Bochmann, Teresa Cascudo ou Alexandre Delgado. Embora mais técnico do que qualquer outro dos que aqui recenseamos, pois mais centrado na análise musical com recurso a exemplos em partitura, este livro impunha-se junto do público universitário da área da música, sendo de notar que foi apoiado pelo CESEM, por sua vez financiado pela FCT, tal como a monografia de Luís de Freitas Branco, da Caminho, também ele com uma forte componente técnica, embora parcial, foi por sua vez apoiado pelo Ministério da Cultura e pelo TNSC. O facto de livros deste teor (e desta importância para os estudiosos) terem de ser publicados por editoras generalistas, e isto apenas graças ao escasso apoio de entidades públicas, apenas realça o triste facto de em Portugal ainda não existir, pelo menos na área da música, uma editora universitária forte, dinâmica e que consiga colocar os seus produtos nas lojas, como lá fora acontece há já muitos anos («Presses Universitaires de France», entre inúmeros outros exemplos, de ontem e de hoje...).

O quarto livro desta rubrica «Estante» que me proponho divulgar, é bastante peculiar, pois intitula-se Mozart na Selva – Sexo, Drogas e Música Clássica, e foi escrito por Blair Tindall, reputada oboísta norte-americana, em 2005, sendo agora (Agosto 2007) publicado em Portugal pela Guerra e Paz, Editores. Baseado em factos reais da vida da artística da autora (que inclusive se viu obrigada a esconder algumas pessoas debaixo de nomes fictícios, certamente para evitar processos por difamação), Mozart na Selva revela – chegando ao pormenor escabroso – as tensões que se vivem no meio musical clássico dos EUA, extremamente competitivo, como, aliás, tudo o resto. Por outras palavras, Tindall revela um mundo não muito diferente do mundo do Rock e da Pop mais comercial, onde os favores sexuais e as drogas, entre outros «meios», servem para forjar carreiras e reputações, e onde o dinheiro conta mais que o amor à música. Nada que não se soubesse já, só que revelado literariamente e na primeira pessoa. O livro alterna entre o pessimismo e o optimismo de uma oboísta que passou por tudo, mas tudo ultrapassou graças ao prazer genuíno de fazer música fora de uma carreira profissional, e à possibilidade de a fazer apenas por amor à arte, tendo-se tornado, para sobreviver, jornalista musical no New York Times.



Finalmente, e a terminar esta breve resenha, gostaria de mencionar a já muito próxima publicação em 3 volumes, pela Oficina do Livro, da nova obra de António Victorino d'Almeida: História da Música Ocidental, uma revisão e actualização/aumento, do clássico Música e Variações, que a Caminho publicou nos anos 80 sem nunca chegar a fazer sair o seguimento que nos traria até ao presente (o primeiro e único volume dado à estampa terminava em Mozart e Beethoven...). Na altura própria faremos uma recensão destes três livros que prometem mais uma vez momentos de convívio com a escrita tão pessoal e bem-humorada do maestro António Victorino d'Almeida, que, em certos sentidos, partilha o seu estilo original com Paul Griffiths, também ele um «musicólogo» muito pouco ortodoxo (e que também escreve, como Victorino d'Almeida, romances e outras literaturas...).

A poesia dentro de um piano

«Piano Singular», o título do último CD da professora Olga Prats, da Escola Superior de Música de Lisboa, é uma viagem sem barreiras de estilos, épocas ou credos estéticos que, lado a lado com as formas clássicas da sarabanda, da gavota, da variação e do prelúdio, faz ouvir o fado, o tango, a valsa e o chorinho brasileiro.

Texto de Sérgio Azevedo

FAZENDO jus ao título do CD Olga Prats conduz-nos numa viagem poética através do universo infinito da música escrita para teclado. É uma viagem de três séculos e meio, que se inicia no passado, com Rameau e Haendel, para continuar no presente, com Berio e Piazzolla, e apontar para o futuro, com Sara Claro.

Nesta viagem, como no vasto oceano, a linha do horizonte encontra-se sempre à mesma distância, por muito que na sua direcção caminhemos. Viagem sem rumo nem fim. Olga Prats detém-se no caminho, explora algumas veredas. Afasta-se, por vezes quilómetros, do itinerário mais frequentado – Bach, Schumann ou Brahms – que aceita, ainda assim, como a base do seu percurso, para conhecer, e nos dar a conhecer, clareiras e arvoredos esconsos, mas nem por isso (ou talvez por isso mesmo) menos belos. Pode ser uma peça tardia de Liszt, uma raridade de Wagner, uma bagatela inspirada pela memória amorosa de Janacék, um quase teatro musical em miniatura,

Arquivo *Politecnia*

Olga Prats lança um novo cd

escrito por uma Constança Capdeville adolescente, ou um tango e uma valsa de Sérgio Azevedo, dedicados a Olga Prats na forma de Duas Borboletas para Olga, essas criaturas evanescentes, símbolos de uma poesia alada e frágil, que a pianista tanto admira.

Este «piano singular» podia, aliás, intitular-se igualmente (usurpando o título de um dos ciclos pianísticos mais poéticos de Janacék), Por um caminho relvado, tal é a poesia romântica e misteriosa que se eleva das obras. Elas são escolhidas segundo critérios

Desenvolvimento da criança

OS TESTES psicológicos para avaliação do desenvolvimento da criança, embora possuindo grande rigor, validade e garantia, são de aplicação morosa, cotação elaborada e interpretação complexa, requerendo treino especial do examinador.

Muitos deles não são, por isso, muito práticos no campo da psicopedagogia, onde se requerem instrumentos de rápida e fácil aplicação, podendo ser utilizados por educadores, professores ou pais, para constatar o nível maturacional das suas crianças nos diferentes factores da personalidade.

Foi, portanto, necessário criar-se um conjunto de provas que avaliassem o desenvolvimento da criança, nas suas dimensões Biológicas, Emocionais-Sentimentais, Gnósico-Mnésicas, Cognitivo-Criativas, Autonómicas, Sócio-Relacionais e Psicomotoras.

O conjunto de provas descritas no livro Avaliação do desenvolvimento da criança dos 3 aos 10 anos, de A.B. Sousa, (Livros Horizonte), permitem uma profunda alteração nos procedimentos pedagógicos: sabendo-se o nível de desenvolvimento da criança em cada uma destas competências, as programações e metodologias educacionais pós-Bolonha poderão ser concretamente objectivadas para aquelas capacidades e competências que estejam mais necessitadas de apoio ao seu desenvolvimento.

Alberto Barros de Sousa é docente de 'Metodologias e Pedagogias I' e de 'Sociologia' na Escola Superior de Dança. É doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Évora.

totalmente opostos à banal programação da maior parte de discos e concertos, que se obstinam em seguir apenas pelos caminhos já estafados do repertório, o qual, de tão explorado na mesma direcção, esconde a verdadeira riqueza e grandeza cósmica de um «corpus» absolutamente sem par em qualquer outro instrumento. Não houve praticamente um compositor, maior ou menor, que não tenha dedicado peças, uma que fosse, ao piano (ou ao cravo, o que vai dar ao mesmo, sendo que muito do repertório cravístico funciona igualmente bem, senão melhor, no piano moderno), sendo Berlioz, Verdi e Puccini as excepções clamorosas que confirmam a regra.

Para além do elevado número de obras para ele escritas, o piano, instrumento de eleição de maior parte dos compositores enquanto auxiliar da criação, serviu também de «diário» musical, diário onde os pensamentos mais profundos, íntimos e elevados encontraram a sua «madre» e aí fecundaram. Não admira pois, que compositores menos célebres, ou até de segundo plano, tenham igualmente deixado música admirável de poesia para o instrumento, e mesmo entre os não pianistas – como Wagner, conhecido sobretudo pelos seus dramas operáticos e pela técnica orquestral – tenham existido momentos sublimes imaginados para um instrumento que, ou não tocavam de todo, ou dominavam muito mal. A Chegada

Arquivo *Politecnia*

dos Cisnes Negros, desse mesmo Wagner, consegue em alguns minutos de música transformar o solitário piano num Bayreuth em miniatura, e as três vezes que o tema se faz repetir, no início e fim da peça, antecipam o Tristão e as três enunciações do presságio da morte com que se abre o audacioso terceiro acto do mais audacioso e romântico drama musical alguma vez escrito.

Não obstante a beleza que se desprende destas páginas, quantas vezes deparamos com uma tal obra programada? Ou com o enigmático En rêve, do velho Liszt? Ou ainda com esse hino à memória amorosa, nostalgia de um tempo irrecuperável, que é Recordação, de Léos Janacék, a última obra que o velho mestre escreveu, antes de se embrenhar debaixo de uma tempestade nos bosques morávios à procura do filho de Kamila, por amor de quem virá a falecer depois de uma pneumonia contraída nessa busca insana? E que dizer das despojadas e tragicamente simples Variações para a convalescença de Arinushka, de Arvo Pärt, escritas para a filha doente do compositor, do enigmaticamente aquático Wasserklavier de Luciano Berio, dedicado a um amigo querido, ou da liberdade agógica do maravilhoso Where have I known you before de Chick Corea?

São alguns destes tesouros de uma história da música muito diferente da história da música sem imaginação que povoa a maior parte das programações pianísticas, que Olga Prats nos oferece neste registo íntimo, pessoal, e inequivocamente singular, como ela também o é.

Música comparada

A SEBENTA, Pelléas et Mélisande: Debussy e Maeterlinck: análise dramatúrgica comparada do texto original e do libreto, da Colecção Teatro / Música, nº 3, da autoria de Conceição Alves Costa, é o resultado de um trabalho para a disciplina de História da Música Comparada, leccionada pela Professora Doutora Maria João Serrão.

A autora realiza um estudo dramatúrgico comparativo da ópera Pelléas et Mélisande, de Claude Debussy, a partir do texto de Maurice Maeterlinck. O seu objectivo é perceber até que ponto a música utiliza as palavras, e em que medida o canto é transformado ou transforma o texto escrito e o adapta à música, para que este se torne perceptível e audível ao espectador. Na opinião da professora, a análise que consta do presente «caderno», também se ajusta para nos ajudar a compreender as subtilezas e os meandros mais obscuros da natureza humana e da sua projecção na arte.

Claude Debussy nasceu a 22 de Agosto de 1862 em Paris e faleceu no dia 25 de Março de 1918. O músico e compositor francês entrou no Conservatório de Música de Paris com 10 anos. Em 1892 depois de ter assistido à peça «Pelléas et Mélisande», e com o consentimento de Maurice Maeterlinck, iniciou uma opera em cinco actos, baseada na obra, que levou dez anos a concluir.

Maurice Maeterlinck, nasceu no dia 29 de Agosto de 1862 em Gante, e faleceu no dia 5 de Maio de 1949. Dramaturgo e ensaísta belga de língua francesa, foi o prinicpal expoente do teatro simbolista.

Um doutoramento inédito em artes

A CRIAÇÂO de um Doutoramento em Artes, na especialidade de Artes Performativas e da Imagem, fruto da parceria entre a Universidade de Lisboa e o Instituto Politécnico de Lisboa, é já uma realidade, que se encontra no seu momento final. Este curso é absolutamente inédito em Portugal e representa o culminar de um projecto que teve início, há três anos, no Departamento de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Este Doutoramento em Artes representa uma partilha de saberes e competências específicas, uma reflexão e uma visão final de conjunto da Escola Superior de Teatro e Cinema, da Escola Superior de Dança e da Escola Superior de Música de Lisboa. Ele pode constituir um modelo de formação avançada, no que ao terceiro ciclo diz respeito, dentro dos princípios de Bolonha e do disposto no Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, relativamente ao que aí se designa por Área Artística.

Neste curso já vários aspectos considerados basilares. Desde logo, a grande flexibilidade curricular, equacionada com um princípio de formação específica que assenta na legitimidade, no reconhecimento e na independência relativa dos saberes técnicos, científicos e artísticos de cada uma das escolas artísticas do IPL. Depois, a construção de um plano curricular, cujos princípios, estrutura e unidades curriculares justificam a pertinência de dois objectos possíveis para a obtenção do grau: uma tese de natureza científica, com o formato académico convencional; e uma tese constituída por um objecto de arte e um ensaio que o descreve e justifica. Por fim, a visão integrada do curso e das acções a realizar, no contexto específico do 'mundo da arte' e no contexto académico, nomeadamente, no seio da Universidade de Lisboa, instituição que confere o grau e possibilita um corpo docente responsável por unidades curriculares que podem vir a ser realizadas pelos alunos do Doutoramento em Artes.

Foto de Bárbara Gabriel

David Antunes*

O Doutoramento em Artes é uma reflexão sobre a natureza das Artes Performativas e da Imagem e define um quadro de parceria entre o ensino politécnico e o ensino universitário

A especialidade centra-se no conceito 'Artes Performativas e da Imagem', cuja extensão, pluridisciplinar e transdisciplinar, pretende suscitar o interesse e acolher alunos de formações diversas. E fundamenta-se na ideia de que os objectos de arte só se constituem plenamente na sua realização e processo de recepção; e que a formação, no âmbito das artes, depende da experimentação, realização e teorização de objectos por especialistas e investigadores na área. A especialidade Artes Performativas e da Imagem resulta da pesquisa de um conceito, uma identidade artística e um design curricular por parte de quatro disciplinas diferentes: o teatro, a música, a dança e o cinema. A oferta de formação artística é orientada de acordo com seis grandes áreas: Interpretação, Voz, Movimento, Teoria, Imagem e Composição. Estas áreas definem as orientações artísticas e científicas pretendidas pelo aluno no seio da unidade curricular de Artes Performativas e da Imagem, e apresentam eventualmente programas próprios nas diferentes instituições.

A flexibilidade curricular, o conceito de mobilidade, interna e externa, docente e discente, e a partilha de recursos constituem-se como desígnios deste Doutoramento em Artes. A ele estão subjacentes os mesmos dois princípios fundamentais: o princípio segundo o qual é ao aluno que cabe construir o seu plano curricular definitivo; e aquele que ensina que o tão debatido problema da Investigação em Artes se define e problematiza na realização de objectos artísticos e num processo de contextualização institucional, académico, científico e artístico, da própria arte. Acreditamos que estes princípios se encontram salvaguardados através de um programa que possibilita uma diversidade de intervenientes, contextos, experiências, procedimentos académicos e profissionais.

Em síntese, o programa do Doutoramento em Artes apresenta-se como uma reflexão sobre a natureza das Artes Performativas e da Imagem, em particular, e da arte, em geral; define um quadro de parceria entre ensino politécnico e universitário, no respeito pela autonomia e competências específicas das instituições envolvidas, mas sobretudo no benefício mútuo daí decorrente; é testemunho do diálogo cooperante, mas também autónomo e independente, entre as instituições que o podem tornar possível: a Universidade de Lisboa e as unidades orgânicas, do Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Escola Superior de Dança e Escola Superior de Música de Lisboa.

*Professor da Escola Superior de Teatro e Cinema